



LE CATALOGUE
DES LIVRES
CONSULE DE
TOUDES LES REALITES
DOU LOUVREUSES

EX LIBRIS
ALFREDO P. JOL

A ALMA ALHEIA

DE P. RABELLO

OPERA LYRICA, versos, Imprensa Nacional, 1894.....	1 vol.
A ALMA ALHEIA, contos, Casa Mont'-Alverne, 1895.....	1 vol.

PEDRO RABELLO

A

Alma Alheia

CONTOS



RIO DE JANEIRO

CASA MONT'ALVERNE — OUVIDOR, 82

—

1895

ABERTURA

HA aqui uma disparidade de estylo, uma dessemelhança de processos, que se por um lado redundam em beneficio para o volume, com o tirar-lhe a monotonia que pudéra ter, por outro lhe prejudicam uma certa unidade de fórma que, porventura, fôra para desejar. Qualidade ou defeito, explicam-se uão pela diversidade de épocas em que foram escriptos os contos, mas pela diversidade de assumptos que, em cada um delles, pretendera emmoldurar o auctor. O estylo nebuloso, por vezes tacteante, da *Barriçada*, applicado ao conto com que abre o livro, ou a paysagem larga do *Cão* ! descripta pelo processo d'aquelle, está bem de ver que nem ao

leitor lhe dariam a impressão exacta do quadro, nem ao auctor lhe serviriam para dizer, com propriedade, tudo quanto no volume elle se propuzera «dizer».

Subordina-se tal procedimento a uma legitima ou illegitima comprehensão de Arte que tem o auctor— comprehensão que elle humildemente pede se lhe permitta guardar para si, erronea, embora, no entender de uns que a contestem, ou acertada, no parecer de outros que sobre o assumpto, alardeiem idêntica opinião. Por que lhe faltem requisitos de que haveria mister, elle não se propõe doutrinar a ninguém. Escreve como escreve, porque entende que por esse modo é que se deve escrever. Tudo isso—

está claro — quanto á dessemelhança de processos e á disparidade de estylo. Os outros pontos, a propriedade do dialogo, o acerto ou o desacerto da expressão, a verosimilhança das situações que se crêem, tudo por esta fórma se expõe á inexorabilidade da critica. E o menos que se lhe pede, á critica, é justamente que ella se digne ser inexoravel para com o que vac ler.

Pertence o auctor áquelle reduzido numero de pessoas que na critica amigavel dos aggrupamentos litterarios, desta ou daquella feição, vêem ainda o obstaculo maior para que por completo se julgue do merito de cada um. Semelhante berganha de applausos, tal como ainda agora é feita, embora de resultado nega-

tivo aqui na capital, pela ausencia da producção respectiva, que os da roda se contentam com annunciar que vae ser a alta revelação do talento e do merito maiores, produz comtudo, fóra della, uma natural impossibilidade de selecção. Nem ha estranhar o phenomeno. Quando a selecção é impossivel aqui mesmo, para um certo publico, muito não é que ella se torne irrealisavel para os que não labutam no sitio onde esses aggrupamentos se rufam o tambor fraternal da reclame e do encómio.

Fallou-se ácima em ausencia de producção. Ella merece bem uma explicação melhor. Para os aggrupamentos citados o annuncio da obra está na razão inversa do seu apparecimento. Adqui-

rem-se, fazem-se reputações litterarias por uma simples escolha de titulos, sonóros ou não. O essencial é que os jornaes assegurem que tal volume está para apparecer. Por essa fórma se creon a pretensa popularidade de conhecidos auctores inéditos, a quem os da aggremação a que elles se filiaram chamam o divino poeta das *Sacrilegas*, ou o delicado sonhador dos *Pezadellos*, ou o prosador elegante dos *Retosques*.

Assim, qual delles que é já para a roda e quiçá para o publico de fóra de portas, o festejado burilador das *Tarantulas*, deixa-nos pasmos diante do enrioso genero de escamotagem litteraria com que ao tempo em que empalma tamanhos e tão cobiçados fóros de homem

de letras, cautelosamente nos recuba aos olhos avidos a serie longa do que produziu. Outro registra uma bagagem litteraria de quatorze volumes inéditos, dos quaes se assegura que não vieram ainda á publicidade pelo trabalho difficil de saber a qual delles se profamará primeiro, atirando-o á voracidade ignorante do publico. E vêm depois os «requintados» e os «quint'essenciados», e a todo o cortejo fórman cauda uns desditosos, timidos rapazes ingenuos, a quem a turba deslumbrou com o habitual amontoado de «*frissons vesperaes*» e de «*heptacordiuns cathedralescamente soantes*», e que amollecem no fundo escuro dos botequins onde se reune o cenaculo.

Tal como em tempos, ultimos para o imperio, venerandos, vetustos semanarios se succediam na cõrte do soberano — junto delles vetustas, venerandas phrases fazem successivamente a sua semana de serviço. Era ainda não ha muito o *frisson*, especie de marca da fabrica, documento da originalidade da escola: veiu depois o «ancestral», veiu o «vitrail fanstoso», vieram o «parasol empaponlado e clownesco», o *salero* e o *viva la gracia*. A nota extravagante original, bizarra, acaso descoberta por um, é immediatamente estragada pelo consumo que todo o resto da egrejinha lhe dá. Cita-se aqui, para prova, a conhecida «faixa de luz roxa em-vinivando o mar» a que um da roda alludia em

trabalho submettido a concurso. Foi quanto bastou para que á turba inteira tudo se lhe affigurasse roxo. A originalidade não é por certo nenhuma das sete virtudes da grey.

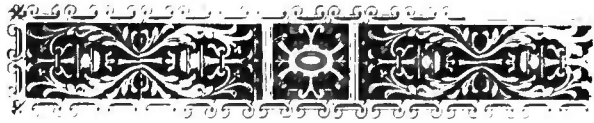
Mas não só esses aggrupamentos merecem que o auctor os deixe consignados aqui. Outras sociedades litterarias de soccorros mutuos existem, nas quaes, por escala, cada um affirma o alto e distincto merito dos demais. Ahi se faz a consagração de nma especie de diletantismo litterario cujo apregoado valor por tal fórma se liga á folha que o annuncia, que desaparece com ella nos eclipses motivados pelos desastres da administração.

Por tudo isso se pede agora a inexorabili-

dade da critica. Ainda quando outra vantagem maior não decorresse de semelhante inexorabilidade, esta unica lhe bastaria, ao auctor, para remuneração do esforço com que a pede — a severidade do julgamento litterario delimita bem o terreno em que as aptidões deste ou d'aquelle mais legitimamente se devam exercer.

P. R.

CÃO!



SOL a pino; esbrazeado, rútilo sol de Janeiro... Tangendo a tropa— de volta do mercado longinquo —o Rufino estacou, de subito, ao subito chamado da tia Rita. E á porta da casinha branca, d'entre os galhos asperos dos espinheiros, a figura encarquilhada da velha chamava-o de novo:

— Eh lá, Rufino!

— S'a benção, tia Rita!

— Calor damnado, hein?

— Parece que não passa sem chuva..

— Nossa Senhora que mande.

Em roda, pelo matto mirrado e secco, seccas, mirradas arvores se levantavam, avidas, para os céos. E, por entre a relva queimada, ao acaso dos campos, apenas os longos, aridos caminhos de areia refulgiam ao sol. O Rufino demorava-se um pouco, a arredar as mulas para junto dos espinheiros da cêrca; sacudiu o suor, a um rapido passar dos dedos pela testa. E veiu, chapéo ao alto, enrolando o cigarro tirado da orelha:

— Forte sempre, hein, tia Rita?

— Não vê! Caco de velha que a maldita nem deixa parar. Mariana já levantou?

— Levantou?! Nossa Senhora que tenha pena d'ella. De já hoje se foi chamar seu doutor Paixão.

— Eh! Ruim assim?

— Ruim de não tirar a cabeça da cama.

Um corvo pairava alto, voando em circulo. E a sombra negra da ave passou, rapida, por sobre a cabeça da velha. Tia Rita franziu as sobrancelhas :

— Vá longe o agouro ! Cuidado com ella, hein, Rufino...

— E eu cá que já vou andando p'ra casa...

— Deus que te acompanhe !

O Rufino estalou o chicote no ar. E, sacolejando os jacazes vãos, a tropa embicou pela estrada fustigada do sol. A casinha de tia Rita ficou para traz, muito alva, com os seus ares de eremiterio em meio das roças queimadas— como uma capellinha ao centro de um campo talado pelo incendio, pela devastação e pela morte. Ao longo da estrada nem mais sombra humana apparecia. Eram apenas, no ar immovel, folhas im-

moveis de arvores immoveis. E só de entre duas mangueiras, muito ao longe, n'um alto, transparecia a casinha do Zé Portuguez—um que, por noites enluardas, costumava dizer, á guitarra, toda a saudade nostalgica da sua terra.

De novo, lépido, o latego vibrou, estalando, desenroscando-se no ar. E agora, para lá da curva distante do caminho, emergia da massa de troncos das amendoeiras despidas a ponta aguda da torre da Matriz. Em frente, tranquilla e pobre, era a casa. E o Rufino apressava a tropa. Do caminho de areia em braza, ao trote das mulas, subia para o ar uma poeira fúlgida e fina...

Mas—porque alfim chegassem—o Rufino escancarou a porteira ; e, enquanto a uma chicotada mais forte, as mulas trotavam para o telheiro ao fundo—á cata de sombra e de agua—entrou em casa,

muito rapido, a indagar do estado de tia Mariana.

— Então, tia Rosa, e a velha ?

— Assim...

Immovel, sobre a cama de ferro, no quarto de portas abertas para o ar e para a luz, tia Mariana arfava compassadamente. Os finos braços, amarellecidos e magros, mal lhe sustinham o lençol dobrado por sobre a colcha de chita. Nos olhos vitreos errava-lhe o resto de um amortecido clarão. E tia Mariana movia monotona, machinalmente, a cabeça. Pela porta entre-aberta via-se o quarto vizinho. E nelle, junto do oratorio illuminado, a Ursula, vinda de fóra, ageitava um galho de flores de espinheiros aos pés finos e brancos da Senhora da Conceição.

O dr. Paixão viera de quatro leguas mais adiante. E, mal o Tinoco, o irmão da Ursula, lhe fôra dizer que a mãe do

Rufino estava, havia oito dias, com uma febre ruim, puzera pé no estribo da egua e atirára-se para a Areia Branca. A' portá, ao saltar, perguntára logo se lhe não haviam apparecido uns vomitos. E fôra com um ar compungido que elle lhe buscára o pulso, tacteando-o no braço descarnado e emmagrecido da velha.

O Rufino entrou, pé ante pé. E o Tinoco, que andava a rachar lenha por alli perto, viu tambem, cauteloso, e, logo á porta, depoz no chão a foice afiada para a tarefa. O calor abafava, fóra. No quarto proximo, a um prenuncio de vento, as velas do oratorio estremeciam... Pela alta cruz do Senhor Crucificado—um velho Christo de jacarandá balsamico e forte — subia uma espiral de fumaça pardacenta; e, mal o vento augmentava, a chamma das velas ia lamber os sangrentos, chagados pés do Senhor.

Tia Mariana movia a cabeça, pausadamente, de um para outro lado. Voltára-se; fincára os pés na cabeceira da cama de ferro. E a pouco e pouco, ia-se-lhe amortecendo o clarão moribundo do olhar. Era como se adormecesse, afinal, depois daquellas tantas, longas noites monotonas de vigilia... O dr. Paixão fitava-a insistentemente.

Fóra, no espaço, uma nuvem tapára por momentos o sol. Ventava agora. E de todo o concavo do céo, muito alto, vinha por sobre a terra um ar pesado de desgraça e de morte. Passaros passavam em fuga. Pela estrada adiante, ás bruscas, fortes rajadas do vento, levantavam-se turbilhonando, e iam ás soltas, pelos campos, as folhas seccas das amendoeiras do largo da Matriz. E, subito, relampagos abriram um rapido, largo claro no céo.

O dr. Paixão voltou-se para tia Rosa:

— Mudança de tempo... — fez, baixo.

E com os olhos indicava-lhe a calma brusca de tia Mariana. Mas o calor augmentava, terrível. O Rufino tinha os olhos presos ao rosto amarellecido da velha. O doutor fizera um signal á Ursula; e ella foi esperal-o perto, no corredor.

— Hum!... Mudança de tempo... — repetia tia Rosa.

E abanava a cabeça, com um ar desolado. O doutor levantou-se, ficou um pouco, de pé, em frente à janella, a mirar o horizonte longinquo. Assobiava baixinho. Deu uns passos até o aparador onde o lampeão de kerozene descancava n'um tapete vermelho, de lã. E sumio-se, pelo corredor a dentro.

— Ora ahi está; já tardava... — observou tia Rosa. — Ahi temos nós a chuva.

Grossos, disseminados pingos d'agua

cahiam agora por sobre a areia em braza. E, a um relampago mais forte, a casinha do Zé Portuguez—longe, n'um alto, entre duas mangueiras—appareceu n'um fundo de luz amarella, como n'um clarão de apothose. Tia Mariana arfava, de novo. Faltava-lhe o ar... Do fundo da casa, escondendo o quer que era, a Ursula veio então, chorosa, para o quarto. E, logo ao chegar, disfarçadamente para que ninguém a visse, tirou de uma dobra da saia a véla benta do Santo Sepulchro.

— Ah ! E' a chuva... Pois mais vale tarde do que nunca...—sentenciou o dr. Paixão, entrando.

O Rufino chegou-se para junto do medico :

— Seu doutor...

E indicava-lhe tia Mariana, inquieta, na ancia de conservar o ar que lhe ia fugindo :

— Está ruim, não está?

O doutor não respondia. Fitava-o dolorosamente. O Rufino tinha uma cousa a apertar-lhe o coração.

— E agora? — perguntou.

— Agora, só Deus!

« Só Deus! » — Ao lado, no quarto vizinho, a figura auréolada do Christo—plácido e sereno—refulgia ao clarão das duas velas do oratorio... O Rufino fitava o rosto de tia Mariana.— « Só Deus! » — A santa imagem do Christo attrahia-o como para um sagrado refugio de fé. E o Rufino esgueirou-se para o oratorio illuminado.

— Padre nosso, que estaes nos céos...

Cahira de joelhos. E as palavras sagradas da reza borbulhavam-lhe dos labios, tremulas e repetidas. « Sanctificado seja o vosso nome... » E eram *Padre-Nossos* por sobre *Padre-Nossos*—Agora,

só Deus! — «Ave, Maria, cheia de graça,...»
E vinham-lhe *Ave-Marias* por sobre
Ave-Marias. « O Senhor é comvosco,
bem dita sois vós...» As velas morriam
aos pés sangrentos do Senhor.

Mas, no quarto da velha, houve um
lugubre ruído estranho. Parecia que todos
se haviam levantado a um tempo. E,
para logo—ao surdo baque pesado de um
corpo— o grito estridulo e doloroso da
Ursula estrugiu. O Rufino atirou-se para
a cama de tia Mariana. De mãos postas,
agarradas á vela benta do Santo Sepulchro,
mal sustida pelo Tinoco e pela tia Rosa,
a velha, esticada n'um ultimo arranco,
punha os dous olhos vitreos fincados no
tecto.

O Rufino parou :

— Mãe !—soluçou, n'um gemido.

— Tenha paciencia, Rufino...

E o doutor consolava-o :

— Tenha paciencia... Tambem a minha mãe um dia morreu...

— Morreu !

Não via mais nada, não ouvia mais nada. Os olhos prenderam-se-lhe ao corpo desfallecido da velha. Vergaram-lhe as pernas. Ria, de um riso nervoso e tremulo; chorava, de um pranto sem soluços nem lagrimas. Parecia que lhe rebentava a cabeça. E um peso enorme opprimia-o, fazendo-o pender para o chão.

Mas, a um relampago mais forte, a foice do Tinoco luziu, abandonada, n'um canto. E, do outro lado, no quarto vizinho, as moribundas velas de cêra finavam-se, tremulas, aos pés sangrentos do Senhor Crucificado. O Rufino voltou-se para o Christo; não tinha um gesto, não tinha uma palavra. Os olhos iam-lhe do crucifixo para o limpido aço da foice; da foice para a imagem sagrada do Senhor.

— Cão!— fez, de subito.

A foice luzia, de novo, a um rutilo relampago mais demorado. O Rufino tomou-a de um gesto brusco, e—mal a apertára na mão crispada e tremula— saltou, n'um impeto, do quarto para o oratorio illuminado. Fuzilava-lhe a cólera nos olhos avermelhados e humidos.

E, a um golpe, loira e fina, a benta Virgem da Conceição voou em pedaços. E a outro golpe, a outros, áquelles desconcontrados, doidos golpes sacrilegos, piedosas Virgens santas, e sagrados Apostolos, e bentos registros immáculos rodoinhavam no ar.

— Cães!

A imagem do Senhor fitava-o do alto, serena e auréolada. O Rufino vibrou-lhe a foice, certa e rapida. E eram novos golpes, doidos, repetidos golpes cer-

teiros. Mas, porque a foice lhe escapasse, a um gesto mais violento, tomou do crucifixo pelos pés. Vibrava-o agora, às tontas, contra as paredes, contra os moveis, contra os portaes. Tia Rosa, muito pallida, corêrra para arrancar-lhe a imagem. Mas o Rufino galgára a porta. A chuva cahia em torrentes. Rutilos, rapidos relampagos cortavam o ar. E como uma cachoeira enorme, o vendaval descompassado bramia por todo o campo em redor.

— Cão !

O Rufino atirou-se, estrada a fóra. Tia Mariana ficára, de olhos vidrados, muito hirta, ao centro da cama de ferro. E o Tinoco correrá a pôr fóra a agua da talha, para não fazer mal. O Rufino subia sempre, galgando a arida estrada, atravéz da tormenta. Agora, revoluteava o crucifixo no ar. Vibrava-o de encon-

tro ás cêrcas, rachava-o de encontro ás rochas asperas, partia-o de encontro aos asperos troncos nús. E, do alto — alma doida! — vinham-lhe os soturnos gritos roucos, por entre as sombras da tarde que morria :

— Cão !... Cão !...

MANA MINDUCA



VOLTO, afinal... Espera-me; irei hoje...
Mana Minduca sorriu. De pé, ao
lado, o moleque esperava. Era em
80, na velha casa da rua de Riachuelo,
ao canto da rua dos Invalidos. «Volto,
afinal...» Mana Minduca fitava attenta-
mente os olhos no papel; soffria acaso da
duvida de que aquella não fosse a sua let-
tra... E mirava o talhe delgado da escripta.
Verdade é que não parecia a mesma. Um
pouco mais firme... D'ahi, em doze annos

a gente muda de letra. Valha-lhe Nossa Senhora! O moleque esperava, tímido, amarrotando o chapéu entre as mãos.

Bem dita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora lhe parecia que era delle; o córte d'aquelle *t*, os *ll*... «Volto, afinal...» Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas, era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. Mana Minduca olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agora tocada de um raio de sol.

Esses que ha doze annos lhe fallam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vissem-n'a agora! Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Si alguém houvesse, que fosse passando pela rua, que surpresa não ha-

veria de ter quando visse que ella abria as janellas. Abriu-as todas; não um bocadinho, como o fazia ha doze annos, não como aquella por onde entrou o raio de sol; abriu-as de par em par. Debruçou-se bem para fóra, cantarolando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéo. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagrosa Nossa Senhora das Dores!

— Tá intréque?

O ano que fosse ficaria para alli, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente. «Volto, afinal...» E aquelle «afinal» dizia bem. Doze annos ha que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo assim... Mana Minduca deixava-se levar à toa. Chegou a pensar

que aquillo já se ia demorando muito. Mas, de subito, o coração estremeceu-lhe; quasi parou, até.... Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para traz; os olhos della achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces, bemaventurados olhos! Não unicamente os della; os de ambos. Os delle então, foi tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a scena da primeira noite em que os viu. Attenta bem no modo por que ella a faz reviver agora, à simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá vae outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quasi juntinho do coreto. Doze annos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, áquelles doces olhos. Que

festa ! Mana Minduca demorava o passo. « Anda mais depressa... » — recommen-
 laram. Era o pac. Ella disse que sim :
 — « Sim, senhor » E voltou a cabeça para
 o lado do lampião. D'ahi por diante
 andou ainda mais devagar.

— Tá intrégue ?

— Ah ! Diga que está entregue...
 Olhe... Diabo de moleque ! Diga que
 venha cedo, ouviu ? A's 6 horas. Passe
 pela porta que eu estou na janella. Que
 venha cedo, ouviu ?

O moleque batia longe. Deitara a correr
 pela rua de Riachuelo acima. Em pouco
 já se não o avistava. Mana Minduca
 ficou á janella ; os olhos vagavam-lhe
 ao longe. Si elle não viesse... Mas havia
 de vir. E fechava os olhos, para revel-o
 bem. Que figura teria elle agora ? Ha
 doze annos era magrinho, com um pe-
 queno buço, mas em doze annos a gente

muda. Deve estar gordo; dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio. E elle volta de lá—bacharel em direito.

Levou doze annos a fazer o curso. E' muito tempo, mas ha tanta contrariedade, annos perdidos, molestias, um horror! Outros se demoraram mais tempo, e vieram de lá sem diploma. Um visinho, para amostra—o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito annos em S. Paulo, e veiu com o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, á entrada da casa, n'um quadro, assim

CAMPOS LUSTOSA Advogado

Campos Lustosa é um nome que fica bem á porta, n'uma chapa escura, com letras

pintadas a ouro.. Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca! « O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros Lustosa participam a V. S. o seu casamento...

Pensamento de Mana Minduca, detende-vos! Coisas ha em que toda a precipitação é perigosa. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze annos pelo noivo e tem-n'o agora á mão. Vejam com que delicia ella lhe repete o nome, e como o espirito se lhe não affasta das participações de casamento. Dr. Campos Lustosa... « O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros... » Ahi a difficuldade do nome futuro. Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustosa? O pae é Frederico Vianna de Barros; Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de

Barros. E eil-a que sonha já com os seus cartões de visita — lilaz, doirado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome, em corpo minuscúlo — « Carminda Vianna de Barros Lustosa. »

Volta, afinal! Doida era ella que se não preparava para recebê-lo. E Mana Minduca correu para o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Tres vezes sahio prompta. O espelho, porém, gritava-lhe que já se não sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Destrançou os cabellos, soltou-os, trançou-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veio para a janella.

Veiu para a janella. Santa de que ella é devota, poupae-lhe a dor de ficar alli eternamente a esperá-lo... Fôra, ia cahindo a noite. Mana Minduca debruçou-se

quasi toda para as trévas; interrogava o fim da rua, longe. Ninguem; a noite apenas. Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outro lado. Atraz delle iam ficando accesos os lampiões de gaz... O frio augmentava sempre; frio de Junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguiu alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janella. O homem apoiára-se a um lampião; alguém, perto, dizia-lhe qualquer cousa. Agora eil-o que mettia a mão no bolso, tirou um objecto, deu-o. O outro desapareceu, a correr. Em pouco já se não o avistava. E o homem approximou-se. Talvez fosse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba

inteira cobria-lhe o rosto antipathico. Mana Minduca teve vontade de sahir da janella. Antes sahisse! Mas ficou.

O homem approximava-se. Quem quer que fosse com certeza que andava á procura de alguem. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Invalidos. Depois, veio, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o quer que era. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adiante, e voltou.

Agora, vinha resolutamente. Deteve-se á porta, tirou o chapéo. Que diabo queria elle? O homem murmurava alguma cousa. Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvir-o.

— O Sr. Vianna de Barros?

— E' papae; mora aqui mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe

o rosto magro. Que olhar curioso !
E agora o rosto delle tomava uma expressão de piedade :

— E... É uma sua filha solteira ?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto :

— É uma sua filha solteira ?

— Minduca ? Sou eu.

— Ah ! E' a senhora ?

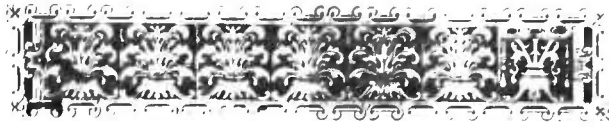
E o homem levou a mão ao chapéo. Santa de que Mana Minduca é devota,izei-lhe que esse que ahi está é o mesmo que ella espera ha doze annos. Mas o homem levou a mão ao chapéo :

— Ah ! é a senhora ! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze annos de lagrimas envelhecem a gente. Nessa que ahi ficou à janella, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da

Lapa? O tempo encheu-lhe a face de rugas. Perfido tempo! A elle a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze annos. Vejam como o Lustosa lá vae, a toda pressa, á procura do bond. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janella. Não sabe quem elle é, não comprehende nada. Espera sempre, como na véspera, como ha doze annos. E a noite augmenta, o frio cresce com ella; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

A BARRICADA



ASSOS soaram, não muitos ; poucos e mal distintos. Quem era deteve-se, talvez, á porta ; mas, se é que se deteve, cobrou animo e subiu. Dava meia-noite ; noite sem luar, escura e humida. Nasceu d'ahi, porventura, a indecisão de quem vinha. A escada era ingreme. Quem quer que fosse, parou ao alto, olhou em roda, bateu palmas, medrosas e timidas. Ouvia-se-lhe a respiração. O ruido acordou uma voz, dentro :

—Ha alguém ahí?

— Mandou saber se está mellhor, se precisa alguma cousa...

— De onde é?

— D'alli defronte, do sobrado...

— Ah! Diga que está assim mesmo...

Por ora não precisa cousa nenhuma. Diga que fica muito obrigado, ouviu?

Passos soaram de novo, não tímidos, nem medrosos; rapidos, como os de quem tem pressa de sahir. Quem era desceu, parou à porta, colheu as saias, atravessou a rua, correndo, e sumiu-se.

Olhos que me lódes, detende-vos; parece-me que por ahí anda uma incorrecção. O ruido não foi acordar nenhuma voz dentro. Essa que se levantou lá ao fundo, na sala, mudou talvez de assumpto; mas nem se calára, nem dormia ha tres noites. Calou-se

agora; outra surdiu, mais baixa, voz conselheira e amiga :

— Eu em seu lugar, D. Adelaide, tratava de procurar bem... A bocca do mundo falla muito, mas não falla sem razão. Se seu mano morresse, já a senhora não ficava atirada p'ra ahi, sujeita aos outros, precisando ;morar de favor...

Se elle tivesse alguma cousa, já tinha dito.

— Podia não dizer. Não é por fallar mal, mas a senhora mesmo sabe; elle sempre foi muito apertado. Gastava pouco e ganhava muito. Eu não via, mas meu marido contava. E não era só meu marido, eram os visinhos todos. Só aquella causa do Mauá quanto não lhe deu? P'ra mais de seis contos de réis. E o resto? Dinheiro não se some; quando a gente não gasta, elle fica.

—E ha quanto tempo foi isso? Contos de réis tambem não duram sempre ; às vezes, não duram um anno, quanto mais quatro ou cinco. Se maninho tivesse dinheiro, elle dizia. Não tem nada, creia. Hontem, antes da senhora chegar, elle me chamou. Eu fui. Estava muito amarello, com os olhos cheios d'agua. Olhou para mim, encarou bastante, depois disse assim:— « Adelaide, seu mano vae embora... » Eu desatei a chorar ; elle pegou-me na mão:— « Você sabe que seu mano não tem nem um vintem para lhe deixar, não é, maninha ? » Eu disse que sabia, com a cabeça. Elle tirou-me as mãos dos olhos, puxou-me o rosto para bem perto: « Diga se sabe, Adelaide ; eu não tenho nem um vintem, não é ? » Os olhos d'elle estavam espetados nos meus. Ficou olhando, olhando... Eu disse que sabia. **E vim embora. Se elle tivesse dinheiro, não fazia isto.**

—A vista ás vezes engana...

—Na hora da morte, D. Lucia !

—A senhora é muito moça, não conhece o mundo ; eu conheço...

—Por amor de Deus !

— Conheço ; a senhora é que não conhece. Ha de ver..

—Escute.

Havia um rumor, pouco pronunciado, continuo, não muito longe. Calaram-se ambas. Escutavam. O ruido vinha do quarto, ao fundo. Era como um resfolegar de doente. Gemidos acaso ; acaso palavras soltas, sem nexo. O quer que fosse, mal se entendia, através das paredes, das portas cerradas, do longo corredor escuro. Mana Adelaide curvou-se para o lado da sala, pôz a mão em concavo, bem junto do ouvido. E ficaram caladas, immoveis.

—Parece que está chamando...

— E' o vento.

— Vento assim, D. Lucia !

— Ha de ser. A's vezes..

— Olhe.

Gemidos ou palavras soltas, percebia-se que alguma cousa era. Mana Adelaide levantou-se :

— Eu vou ver.

D. Lucia poz-se de pé, arredou a cadeira :

— Espere ; eu tambem vou.

A outra sorriu.

— Não é por medo, não. A mim não me mettem medo os vivos, quanto mais os que estão para morrer. E' que eu não gósto. Assim até é melhor ; nem eu fico sósinha, nem a senhora vae sósinha tambem.

Foram. O corredor era longo, longo e escuro. D. Lucia levava uma vela. Alçava-a bem, para allumiar o caminho.

O vento apagava-a quasi. Pararam junto ao quarto. Mana Adelaide abriu a porta, entrou, chamou baixinho :

— Mano Malveiros.

Gemidos ou palavras soltas, o que era calou-se de subito. D. Lucia levantou a vela, para allumiar melhor. A luz bateu primeiro na commoda, por sobre a lamparina ; passou ao lavatorio, parou na cama de ferro. Os lençóes agitaram-se ; quem lá estava moveu-se, agarrou-se a elles, virou-se para a parede.

— Maninho está chamando ?

D. Lucia curvou-se para a cama, levantou mais a vela :

— Está chamando, Dr. Malveiros ?

Malveiros descobriu o rosto, magro, escaveirado, amarello. Os olhos brilhavam-lhe, muito vivos, muito tremulos. Ficou olhando, entre desconfiado e severo.

— Não conhece, maninho? E' D. Lucia, a vizinha aqui do canto.

O olhar de Malveiros buscava o de D. Lucia; o d'ella é que não o buscava, nem reparára nelle. Procurava outra cousa; e d'ahi, bem pôde ser que não buscasse cousa nenhuma. Andava da commoda para a cama de ferro; mergulhava nos lençóes; ia da cama de ferro para as gavetas da commoda. Traspassou-as, acaso, agudo e fixo que era. Mas, se a alguma cousa buscava, certo é que não a encontrou; voltou da commoda com uma expressão de desanimo; subiu ao tecto, desceu ás taboas do soalho, mirou-se no espelho do lavatorio. O espelho disse-lhe porventura que se trahia. D. Lucia compoz o rosto, amorteceu os olhos. Quando Malveiros os encontrou, resumbravam piedade pelo doente. Mana Adelaide ainda os achou piedosos e amigos.

— Está acabado, não é, D. Lucia? Quem o viu, ha dous mezes! Lembra-se d'aquelle jantar dos meus annos? Riu, brincou, dansou. Nem parecia velho! Para hoje estar atirado numa cama.

— Não acho que esteja muito mal, não. Agora, ficar assim no escuro é que lhe não ha de fazer bem. Porque não deixa a vela em cima da commoda?

— Luz forte no quarto! E' porque a senhora ainda não viu o que elle faz. Não supporta nem a lamparina; é preciso botar uma cousa adiante, p'ra não deixar a claridade toda.

— Mas estar assim no escuro não é bom, não.

— E' o que elle quer; diz que a luz lhe dóe nos olhos.

— Talvez seja por outra cousa.

— Não é por outra cousa; deve doer mesmo. Não viu quando a senhora entrou

com a vela, como elle se virou para a parede?

— Emfim, isso ainda pôde ser... Mas por que é que não deixa mudar a roupa da cama? Doente nenhum faz isto. E então roupa humida, como a d'elle está...

— A senhora sabe; elle quasi que não se pôde levantar. Já vê que andar de um lado p'ra o outro, para deixar limpar a cama, incommoda. E depois, quando se fica assim, não é um lençol lavado que dá vida.

— Mas não precisava tirar a cama toda, agora então que elle está encostado á parede. Quer ver como é...

D. Lucia ainda não concluiu, e já o lençol lhe estava seguro na mão; seguro por uma ponta. Puxou-o de um gesto rapido, da cabeceira para os pés. Talvez quizesse deslocar as almofadas; se é que o pretendeu, conseguiu-o. Os olhos

mergulharam-lhe abaixo d'ellas; regressaram em breve, deslumbrados, acaso satisfeitos. O lençol é que não veio, nem a mão de D. Lucia. Malveiros agarrou-a, cravou nella os dedos hirtos. O relampago que lhe passou pelos olhos não foi tão rapido que elle o não surprehendesse. E segurava o lençol, com a mão livre, com o peso do corpo. Tremia todo, de raiva ou de frio. D. Lucia teve medo, abrandou os olhos, deixou o lençol livre. Malveiros trouxe-lhe a mão, presa, até a beira da cama; empurrou-a para fóra, para longe. Ella curvou-se ainda para a cama, tranquilla a falla, os olhos resignados:

— Não quer, paciencia. Mas ao menos é bom tomar alguma cousa quente. Porque não toma um caldo?

O olhar de Malveiros traspassava-a, desconfiado, rispido. Cravou-se no della;

talvez lhe buscasse ler na alma, que não mente. Os olhos mentiam. D. Lucia insistiu pelo caldo :

— Tome, que lhe faz bem. Nós vamos apromptal-o, quer ?

Nem esperou pela resposta. O que ella queria, era porventura ver-se fóra d'alli. Tomou da vela, pôz-lhe a mão por diante, para abrandar a luz. Voltou-se para Mana Adelaide :

— Não é, D. Adelaide ? Vamos preparar um caldinho para elle...

Abriu a porta, sahiram. Malveiros ficou só. Os passos de D. Lucia iam-se calando, diminuindo. Elle ergueu-se na cama, não muito ; pouco, com difficuldade. Apoiou-se ás almofadas, applicou o ouvido. Já nem se distinguiam os passos de D. Lucia. Os olhos e o rosto iam-lhe tomando uma expressão de tranquillidade. Não digo que se transfigurassem. A mudança era lenta,

como se ainda lhe sobrassem cuidados alerta. Applicou mais o ouvido. Não vinha ninguém. Sentou-se na cama; as pernas cahiram-lhe para fóra do chambre, nuas, muito magras, sem côr. Dentro, na sala, havia um rumor de colheres.

Malveiros olhou em roda, voltou-se para a cabeceira, curvou-se um pouco, estendeu o braço. A mão d'elle mergulhou na almofada; foi lá ao fundo, voltou contrahida e tremula, menos tremula do que contrahida. Não affirmo o que trouxe, porque já se não conhecia bem. Eram papéis, n'um masso; oleosos, encorpados e humidos. A alguns, mal se lhes distinguia um rosto de homem. Talvez nem fosse de homem. Numeros sei que tinham, diversos, pequenos e grandes. Lettras também; palavras até, em arabescos, em circulo, mais escuras n'um canto, mais claras n'outro.

O rosto de Malveiros dilatava-se. Subito, guardou o masso; applicou o ouvido. Não vinha ninguem. Tirou-o de novo, desenrolou-o, pol-o sobre o joelho. Alisava os papeis; descollou-os depois, com vagar, com trabalho. Ia-os separando, um por um; não em silencio, alguma cousa se lhe ouvia. Era como se cada papel d'aquelles lhe arrancasse um gemido. Gemidos ou palavras soltas. Talvez palavras; dir-se-hia que elle contava baixinho, a meia voz. Talvez estivesse rezando. Mas o que era, acabou. Malveiros teve um suspiro de allivio, de desafogo. Teve-o e ficou sentado, olhando em roda, como quem procura uma idéa.

Se é que a procurava, a idéa não veiu; se é que veiu, foi repellida. Os olhos delle iam tomando uma expressão de desanimo, de desespero, de dor. Fitava-os na commoda, no soalho, no tecto; passeiava-os

vagarosos, pelo chão. Por vezes, applicava o ouvido. Não vinha ninguém. Ensaçou uns passos; vergavam-lhe as pernas. Metteu os papéis no seio; sentou-se, curvou a cabeça. Dentro, na sala, a voz de Mana Adelaide ergueu-se, alta, surpresa:

—A senhora viu, D. Lucia!

—Se eu vi?! Vi com estes que a terra ha de comer ...

Malveiros alçou a cabeça. Alguma cousa o reanimou, por certo. Prestou ouvidos; a voz de D. Lucia calava-se, diminuia... Brilharam-lhe os olhos, lucidos, vivos. Não eram os olhos de ha pouco, feitos de desanimo, de agonia; eram olhos energicos, plenos de força, cheios de vontade. Levantou-se, tremulo; firmou-se nas pernas, deu uns passos. Andava. Andou um pouco; os passos eram-lhes mais seguros. Foi até á porta... A porta estava aberta,

cerrada apenas. Elle fechou-a á chave, com duas voltas. E veiu direito à cama; parou, apoiado à cabeceira.

Olhava em roda. Dir-se-hia que lhe voltava a idéa de ha pouco; se é que voltava, ficou; acceita, não repellida. Foi até a commoda. Pisava melhor, mais firme. Parou, curvou-se, agarrou-a pelos cantos, de um lado. A commoda era pesada, forte; elle puxou-a a custo. Puxou-a mais, arredou-a um pouco; arredou-a, moveu-a para fóra. Passou para o outro lado, arrastou-a, moveu-a d'ahi. O esforço cansava-o; suava de um suor frio. E arrastava a commoda. Deu-lhe uma volta, pol-a ao longo do soalho; empurrou-a mais, levou-a até a porta, pol-a por traz della, bem junto. Deixou-a ficar ahi, tapando a entrada, e voltou.

Agora não hesitava mais; andava como quem tem uma idéa fixa. Foi á cama, ar-

rancou-lhe as almofadas, tirou as cobertas, as colchas. Dobrou o colchão, foi pol-o sobre a commoda. Agia rapido com delirio, com febre. Tirou as taboas, foi encostal-as à porta. Voltou, curvou-se junto à cama; correu-lhe os dedos, tremulos, rapidos, pela cabeceira. Buscava alguma cousa; achou um ferro, tirou-o. A cama dobrou-se, aberta. Abriu-a do outro lado, fel-a abater no chão, arrastou-a até à porta; deixou-a ahi, de pé, ao lado da commoda, de encontro às taboas, apoiada ao colchão. Por cima de tudo, as colchas, as almofadas, os lençóes.

Voltava, mas parou em caminho. A vontade delle pretendia por certo ir mais longe; as pernas não foram, dobraram-se-lhe, desfallecidas, quasi mortas. Ca-hiu de bruços. A vista ia-lhe ficando tremula, escura; ergueu-se nos braços,

poz-se de joelhos. Talvez se levantasse; não pôde. Arrastou-se, foi de rastros até o lavatorio, pequeno, de ferro; agarrou-o por um pé, trouxe-o assim, arrastado, até a porta. Batiam-lhe os dentes; tinha as mãos geladas, gelados os pés. Um frio de morte, horrído e lugubre, apossava-se-lhe do corpo, subia-lhe á cabeça. Arrastou-se mais, aos poucos, para o meio do quarto; mirou a barricada, viu-a pequena e fraca; olhou em roda, á procura, pelas paredes nuas, pelo quarto vazio. Os olhos vagavam-lhe á tôa; correram-lhe duas lagrimas. E foi atravez dellas que elle lobrigou alguma cousa luzindo, n'um canto.

Os olhos tremulos, a vista escura, não lhe reconheceram aquella escuridão pequenina, de metal branco; o que elle via ia crescendo, crescendo... Devia ser de prata, pesada e forte. Malveiros

tentou mover um braço. Não pôde ; o braço pendia-lhe gelado, morto. Moveu o outro, arrastou-se mais, para perto. O que era crecia, crecia... Elle já não via bem ; ia-se-lhe cerrando um véo pelos olhos. Estendeu o braço livre, procurou, não via nada. Os pés inteiriçaram-se-lhe. O olhar d'elle mergulhou n'uma noite profunda e espessa. Ficou de bruços, immovel. Vinha rompendo o dia. O sol entrou, do alto, pelas janellas ; bateu sobre Malveiros, banhou-lhe o rosto amarello, os olhos vidrados ; estendeu-se, alagou todo o quarto de oiro fluido. Lá dentro a voz de D. Lucia fallava, conselheira e amiga :

— Deixe ficar o caldo ; já não lhe pôde fazer bem. O que a senhora precisa, é arrecadar tudo, logo que elle morra. A's vezes apparecem parentes de fóra...

CASO DE ADULTERIO



TRINTA annos ha que isto foi...
E d'ahi, ha talvez trinta e cinco
ou quarenta. A casa era na rua
do Nuncio, mais para a dos Ciganos do
que para a do Vis onde do Rio Branco.
Por aquelle tempo ainda esta não era do
Visconde do Rio Branco. Era mais fi-
dalga e mais simples ;—do Conde, sem
mais nada. A nova denominação veiu
depois, com o ventre livre, com as festas
de 71. Já por ahi se vê que foi ha

mais de trinta annos. Mas não importa; a casa era na rua do Nuncio.

Agora, de onde seria quem a habitava ? De S. Paulo, diziam ; mas tambem se dizia que era do Rio Grande. Outros asseguravam que era de Santa Catharina, até pelos modos, quanto mais pelos olhos pretos e pelo moreno do rosto. Seria ou não. Havia divergencias em toda a rua do Nuncio, na propria rua do Conde. Uma noite, no visinho do lado, paredes meias, brigou-se por causa de D. Senhorinha Duarte. Foi na casa das Machado, velhas ambas, solteiras as duas. Mana Melinha teimava que a moça era de Porto Alegre.

— Qual Porto Alegre ! Aquillo é paulista ; é cara da Aparecida...

Mana Julia conhecia S. Paulo. Teimaram ; acabaram por não se fallar mais. A Historia não cogita de cousas

minimas ; se cogitasse, haveria de mencionar que, para as Machado, nunca mais lhes chegou o momento da reconciliação.

De onde era D. Senhorinha Duarte ? Da travessa das Partilhas. Nasceu lá, por uma tempestuosa noite de Março. Restos de verão ; ultimas trovoadas seccas... O pae assustou-se muito, não n'aquelle dia ; o susto veio-lhe duas semanas antes. Culpa da folhinha de Ayer. Lá estava o aviso, muito miudinho, nestas quatro palavras, ainda mais ameaçadoras do que miudas :

*Fortes
trovoadas
ao
Sul*

A semana passou sem trovoadas, só com o susto. Veiu outra ; Ayer já não cogitava de relampagos, nem de trovões. Que muito é que tambem o pae de D. Se-

nhorinha não cogitasse delles? E passavam os dias. Mas, n'uma bella noite, lá apparecem os relampagos. A trovoadá vinha, estrondeante, atordoadora. D. Senhorinha veiu com ella, muito pequenina, envolta n'uns tenues pannos bordados

O pae de D. Senhorinha ainda o não fôra de ninguem mais. Tomou-a nos braços, beijou-a na bocca, nos olhos, na testa... Beijou-a muito, ao acaso. Tinha os olhos humidos, não dizia nada. Olhava para a filha, beijava-a, tornava a miral-a outra vez.

— Està bom, agora deixe ella dormir... Olhe, faça favor de mandar me dar a alfazema.

— Ah! sim... A alfazema.

E repetia « A alfazema, a alfazema ». Só. « A alfazema, a alfazema ». Deu uns passos, deixou-se cahir no sofá. O dia ia

clareando. A comadre esperava pela alfazema. Esperava; não vinha cousa nenhuma. E foi buscal-a ella mesmo. O pae de D. Senhorinha ficou sózinho, a dormir.

Eis ahí como, por uma tempestuosa noite de Março, veiu ao mundo a bella rio-grandense da travessa das Partilhas. Cresceu, esteve no collegio, teve namorados e casou. Ha ahí um episodio de viagem, não em solteira, mas depois de casada. Viagem a Pelotas... Porque, no fundo, uma das Machado não deixava de ter a sua pontinha de razão. D. Senhorinha esteve em Pelotas. O marido era conferente da mesa de rendas; ou por outra, foi conferente mais tarde, depois das nupcias, talvez dous annos depois. Antes era escripturario, 2º ou 3º. E Dona Senhorinha veiu de Pelotas para a rua do Nuncio. Chegaram cedo; as Machado já

estavam á janella, cumprimentaram sorrindo, muito amaveis; e ficaram a ver entrar a mobilia. Tão disparatada, tão velha! Já lhes parecia que devia ter sido comprada em leilão.

Talvez, D. Senhorinha teve saudades de Pelotas; mas, se as teve, deveu-as ao marido. A principio, Duarte era um marido modelo; ia de casa para a alfandega—estava addido à alfandega—e sahia da alfandega para casa. Mas n'uma certa, frigida tarde não veiu; veiu à noite, às 7 horas. Tinha ficado com o ministro; negocios urgentes, relatorio, o diabo! Era uma quarta-feira; no sabbado foi peor. Ficou toda a noite na rua. O ministro era incansavel, parecia de ferro. Que se lhe havia de fazer? D. Senhorinha chorou, mas não disse nada. Duarte viera às 6 horas da manhã, com dia claro. E o relatorio continuou.

O relatorio morava na rua do Hospicio. Tinha cabellos castanhos, meio louros; pescoço comprido, emergindo de rendas largas e caras. Duarte viu-o uma vez, de volta da repartição. Sorriu; o relatorio sorria tambem. Coitado! Sorrira já tantas vezes, para tantos conferentes addidos... Mas Duarte chegou ha mezes de Pelotas. O relatorio sorria; elle foi até o canto da rua da Valla, voltou, fez um signal... No dia seguinte mandava lá um moleque; tres dias mais tarde elle e o ministro começavam a trabalhar juntos, pela noite adiante. O paiz ia ver o que era um relatorio de fazenda!

Parece que ainda se não fallou aqui do Dr. J. Mendes. Tem vinte e sete annos e foi promotor no Rio Grande do Sul. Conheceu lá o Duarte, prestou-lhe obsequios; chegou ha pouco, com li-

cença, e frequenta a casa de D. Senhorinha. E', porventura, um dos que lhe dizem com os olhos o que a ella já lhe não é dado ouvir. J. Mendes descobriu o caso do relatorio. Não porque visse, mas porque lhe disseram. Aliás, não precisava de que lhe dissessem cousa nenhuma. D. Senhorinha tem agora um par de olheiras que contam tudo o que o marido anda fazendo ; e falla com uns ares de martyr dolorosa. Na vespera ainda, Duarte teve de organizar umas tabellas. Serviço delicado, cousa de muita confiança. E nem jantou em casa, nem voltou senão no dia seguinte. Esqueceu-se de que tinha convidado J. Mendes para jantar. J. Mendes é que não esqueceu o convite, e foi. Bateu à porta, meio tremulo, meio receioso.

— O patrão ainda não veio, mas a senhora está...

— E' o doutor... Entre !

D. Senhorinha sorria, ao alto da escada ; ella propria vinha abrir. Mais bonita, n'um amplo vestido de cassa. As olheiras estavam talvez maiores ; muito pouco, mas estavam. O rosto é que já não tinha nada de martyr, nem a falla. J. Mendes estranhou a mudança ; mas não se despediu, não procurou nenhum pretexto para se ir embora. Subiu, muito tremulo, muito receioso. D. Senhorinha recuou um pouco, para deixal-o passar. A alma della devia estar tramando alguma cousa. Foram para a sala. A criada seguia adiante ; abriu as janelas, ficou a endireitar umas jarras...

— Vã dizer lá dentro que não demorem muito o jantar... Olhe, veja se falta alguma cousa. Seu amo talvez jante fóra.

A criada ia embora, mas não foi. Sa-

cudiu umas flores, apanhou uns jornaes cahidos. Sahiu emfim. O Duarte não jantava em casa ; J. Mendes achou que se devia admirar.

— Janta fôra, o Duarte ! ?

— Janta, ou não janta. Quem sabe lá o que elle pretende fazer ? A mim, disse-me que jantava em casa ; mas tambem o disse hontem...

— E não veiu.

— Não veiu ; veiu hoje,.. Mas quem lhe disse que elle não veiu hontem ?

— Ninguem... Eu não precisava de que ninguem me dissesse; eu sei...

— Sabe o que ?

— Sei que a senhora... A senhora agora não é muito feliz.

— Não sou ? Porque não ? O Duarte...

— O Duarte, D. Senhorinha... Escute; a senhora sabe que eu sou muito seu camarada, não é ?

— E'; o senhor é muito camarada de nossa familia.

— Principalmente... da senhora.

— Meu, porque? Pois não é tão meu camarada como de meu marido?

J. Mendes não respondeu logo. Parece mesmo que a resposta, já a entenderam os olhos de D. Senhorinha. Aquella pergunta veio, talvez, em busca de umas palavras que ella espera desde que o fez entrar. Mas, si J. Mendes não respondeu, ao menos chegou-se mais para ella. Fitou-a bem em face. D. Senhorinha baixou os olhos, corou ; ficou assim, contando as taboas do assoalho.

— A senhora sabe que eu sou mais seu camarada do que d'elle.

— Não sei nada.

— Sabe, D. Senhorinha.

— Sei por que?

J. Mendes abaixou a voz ; cerrava os

labios, as palavras saíam-lhe através do bigode, ainda perfumadas de brilhantina :

— Lembra-se de quando estava em Pelotas? Me perdôe; eu prometti não fallar enquanto elle fosse bom para a senhora. Mas agora não é. Lembra-se do que lhe disse em Pelotas? Nem sabe o que tenho soffrido por sua causa, Senhorinha... Não viu que deixei tudo lá, familia, logar, interesses, tudo? Vim só para poder estar aqui, fallando com você, ouvindo o que você diz. Pr'a que ha de ficar no Rio, maltratada, esquecida por uma sujeita à tôa? Pensa que o Duarte ainda lhe estima? Ha de ver o que elle faz. Olhe, eu tenho um dinheiro junto; vamos viver no Rio da Prata. Quer ir, Senhorinha? E' a sua felicidade que eu lhe estou offerecendo.

D. Senhorinha ouvia em silencio; ou

não ouvia. Ficára muito séria, cabeça baixa, olhos fitos no assoalho. Talvez, nem sentiu que J. Mendes lhe enlaçava a cintura, nem o viu todo curvado para ella. Mas, de subito, estremeceu; J. Mendes apertava-a nos braços. E os ouvidos de D. Senhorinha ouviram estas doces palavras mellifluas:

— Meu bem, meu amor!

D. Senhorinha levantou a cabeça; olhou-o. J. Mendes repetia a phrase, e abanava a cabeça. O cabello d'elle brilhava; tinha-o aberto em duas pastas, encaçolado, lustroso de oleo:

— Meu bem, meu amor!

Os olhos, as narinas, a bocca de J. Mendes, tudo se abria, mellifluo e doce. Não sei que cousa passou pela alma de D. Senhorinha. Foram nauseas, si é que a alma tem nauseas. Pelos olhos sei que lhe passou um relampago; talvez o mes-

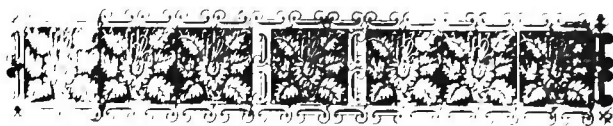
mo que ella viu ao nascer, na travessa das Partilhas. Deixou J. Mendes de joelhos no tapete; mal o mandou embora. «Vá embora, me deixe!» E correu para o quarto. Chorou; chorou muito. Não jantou nem dormiu. Duarte, ao voltar no dia seguinte, ainda a encontrou chorando. Perguntou o que era; não sabiam. Talvez doença.

— E' possível, é... O Justino que vá chamar um medico.

E ia sahindo, mas parou á porta:

— Olhem, hoje não me esperem para jantar.

CURIOSA...



Aisso de ter recebido a carta do Braga—
aquella que lhe estava agora no seio,
muito junta à carne, ferindo-a, tor-
turando-a com a ponta aguda do en-
veloppe — isso fazia-a estar para alli
muito abstracta, sem dar attenção ao
almoço, a procurar a razão por que assim
procedera, quasi sem ver o Bernardo, o
marido, que ruminava muito pachorren-
tamente o seu bife.

Porque aquillo que ella praticára

assim tão irreflectidamente, apenas por um bocadinho de curiosidade, poderia fazel-o suppor que ella ainda fosse a mesma que d'antes. Cruzes! Pensar n'aquillo sempre lhe dava uns calafrios! Em outro tempo, em solteira, não lhe teria dito nada... Mas agora! Agora era viver para os filhos, quando viéssem.

Distrahia-se, olhos fitos no prato, a prescrutar, a indagar de si mesma porque a recebera, áquella maldita carta. « Fôra por força curiosidade... » pensava. Nem podia ter sido outra cousa... Si era tão curiosa!

E a Cocota, muito alegre, muito satisfeita no intimo por ter achado assim uma desculpa áquella leviandade, voltou-se para o marido. A Brigida, a criada, servia-o nesse momento. E justamente, ahi estava, fôra ella a culpada de tudo aquillo. Pela manhã, muito cedo, dando-se uns

ares de confidante, viéra trazer-lhe a carta do Braga. E aquelle seu modo mysterioso, aquelle meio riso confidencial, aquellas duas palavras, sobretudo, tinham-lhe chamado a attenção. «Do Braga!» murmurára-lhe a Brigida, quasi ao ouvido, entregando-lhe a carta.

A Cocota, inconscientemente, estendera-lhe a mão para recebê-la, perturbando-se toda, muito assustada, como se elle já alli estivesse a reclamar todo um mundo de promessas feitas ha muito tempo. Porque com aquella carta do Braga surgia de bem fundo todo um passado de recordações. E vinham-lhe á memoria as esquecidas noites de luar em que os dois, n'um abandono idiota de namorados românticos, se tinham enternecidamente entregue á contemplação «d'aquella lua que os ouvia» e que lhes fôra o penhor de todos os juramentos.

Ella—a Cocota do Tavares, como a chamavam n'aquelle tempo — tivéra sempre uma certa predilecção por essas cousas de poesia e de ideal. E repetidas vezes, quando a lua, muito alta, banhava a rua de uma pallida claridade, divertira-se com o phantasiar na massa escura das arvores, em cada perfil escuro recortado pela claridade do luar, namorados errantes, que se ficavam alli, eternamente a contemplal-a como a uma beldade estranha, arrancados de muito longe aos amorosos beijos das noivas, unicamente para vel-a, unicamente para admiral-a.

Foi por esse tempo que o Braga appareceu. Typo anemico, longas melenas pretas, um pallido ar doentio, o poetico ajudante de guarda-livros agradou-lhe para logo. E a Cocota que sonhára entrevistas á noite, docemente enlaçados os dois, a passeiarem sob a ramaria frondosa das

arvores, teve-as allí mesmo, n'um telheiro para onde o pae, como taverneiro muito pratico, atirava os barris vazios de banha e os jacazes inda rescendendo um forte odor de toucinho.

Esse cheiro de toucinho, infiltrando-se-lhes pelo nariz, justamente quando lhes seria preferivel qualquer outro mais suavemente doce, mais deliciosamente romantico, esse não lhes conseguiu lembrar o prosaismo da vida... 'Friste cegueira, a dos namorados! Encarregou-se disso o Tavares, surprehendendo-os uma noite, e tosando-o a valer. «Ainda tenho bem vivas as recordações d'aquella noite...» — escrevêra o Braga à Cocota, oito dias depois. Pudêra! E continuava «...mas acredita que se te não puder encontrar nunca mais, breve, muito breve, o meu corpo ha de rolar inanimado junto ás penedias abruptas do Pão de Assucar.»

O Pão de Assucar fôra mettido alli unicamente para dar a côr local. O incoherente periodo, esse copiára-o o Braga a um livro que lhe compunha toda a bibliotheca. Comprehende-se que tamanho apuro de redacção não estava muito a caracterem um simples ajudante de guarda-livros.

Valeu-lhe a sinceridade do momento. Do momento, porque nem breve, nem depois, nem nunca mais, o Braga teve a lembrança do suicidio. Agora voltava, como parecia. « E não é que voltou mais bonito ! » --- garantira a Brigida á Cocota. Mais fórte, mais corado... Qual ! A ama que o visse, como ella propria o tinha visto com aquelles que a terra havia de comer.

E gabára-o á Cocota, mettendo-lh'o á cara, muito desejosa no intimo de que aquillo fosse 'adiante, muito satisfeita

por entrar assim nos segredos da ama, interessando-se pela resposta. Mas a Cocota parecêra indifferente. « Não lhe diga nada por ora » — pediu. « Agora as cousas mudaram, e muito. Eu tambem não sou nenhuma idiota. » E recebera a carta... Com certeza que por curiosidade ; si era tão curiosa !

O Bernardo descendo para o almoço, em collete e chinellos, obrigara-a a escondel-a por dentro do corpinho. E á mesa, quasi inconsciente, aquillo tudo a trabalhar-lhe no cérebro, sentira-a sempre, ao curvar-se. A maldita carta là estava, no seio, muito junta á carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do enveloppe.

O marido, esse é que não tinha cuidados a trabalharem-lhe na bola. Mas, de repente, levantando a cabeça, muito distrahido, voltou-se para a Cocota :

— Sabes, ó...

E calou-se, como se lhe tivesse esquecido o nome. E entretanto a Cocota ouvira-o, notára-lhe a indecisão. Até ahí absorsta, agora que achava uma desculpa á sua leviandade n'aquella curiosidade tão natural, voltára-se para o marido. E chegára ainda a tempo de notar-lhe aquillo. « Pois em tres mezes pôde esquecer-me o nome ! » — admirára-se ella. E confrontando esse incidente com a constancia do outro que ainda a procurava, que ainda lhe escrevia, o resultado do confronto não foi lá muito favoravel ao Bernardo.

Tambem—e continuava o raciocinio—tambem quem o mandára casar-se com ella? Devia ter comprehendido que ella não poderia esquecer assim o outro. E d'ahi, talvez tivesse comprehendido mesmo. « Pois que se queixe de si ! » — concluia. Mas do intimo vinham-lhe uns restos de

honestidade. Lá porque o marido era um estafermo — porque elle o era, e bem grande — lá por isso não se seguia que ella fosse dar ouvidos ao primeiro que apparecesse. Apesar de que o Braga não estava nessas condições. Fôra seu noivo, ella amára-o muito...

Disso estava ella bem certa. Si o amára! Ainda hoje, por sentir lá dentro no seio, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope, aquella carta que era d'elle, que lhe vinha lembrar tudo isso que já devêra ter morrido para si; ainda hoje só ella e Deus sabiam o que lhe estava agora palpitando no coração.

O Bernardo tomava pachorrentamente o seu café. Tirassem-lhe tudo — costumava elle dizer — tirassem-lhe tudo, mas que não lhe tirassem o seu cafésinho! E apreciava-o, bebendo-o aos goles, dando estalidos com a lingua, ao mesmo tempo

que a Brigida tirava os pratos servidos da mesa.

A boa da Brigida! Muito atarefada, muito diligente, parecia querer mostrar que, apesar dos annos, ainda podia merecer a confiança da sua rica amasinha. E tinha para a Cocota sorrisos de intelligencia, e mostrava-lhe com os olhos o estafermo do Bernardo, occupado em remecher o café no fundo da chicara, para aproveitar todo o assucar.

Por traz, ao alto da parede, houve um pequeno ruido metallico de cylindro que desanda, e o relógio começou de bater nove horas.

—Ora aqui está, é isto!—fez o Bernardo, levantando-se.

Já lá se iam as nove; nem lhe restava mais um minuto para estar à sua vontade. Malditas manhans, aquellas, que passavam tão depressa! E resmungava, en-

fiando o paletot que tinha estado alli perto, dependurado do encosto de uma cadeira.

A Cocota levantava-se tambem. Não se esquecesse de trazer o chá — recomendava-lhe. Trouxesse-o lá da cidade, já que o d'alli era uma' peste.

E curvava-se para a mesa, muito cuidadosa, a reunir toda a louça ao redor do bule de metal prateado...

Mas de repente :

— Ah ! — gritou, surpresa.

E como o Bernardo a olhasse tola-mente, sem comprehender, n'uma das mãos a botina que se preparava para calçar — « Que desastrada que eu sou » — descul- pou-se. « Que cabeça a minha ! » Não se lembrára de que o bule devia estar quente, e d'ahi...Elle que visse; felizmente nem o signal! Mas na realidade o que a fizéra gritar assim, de subito, fôra aquella

carta que lhe estava no seio, muito junta à carne, ferindo-a torturando-a com a ponta aguda do envelope.

— Até logo, hein! — gritou-lhe o marido.

E sahiu, batendo a porta para que fechasse bem.

A Brigida adiantou-se então. A ama que lhe dêsse uma resposta para *elle* — pedia. Coitadito! Até parecia capaz de morrer, se a não visse. Olhasse que ella, a respeito de segredos... Aquillo era um poço! E não era porque tivesse algum interesse em vel-os a aproveitar a sua mocidade; é que lhe doia lá dentro saber de uma creaturinha de Deus que até se parecia mirrar de paixão.

E a Cocota interessava-se pelo Braga... Si era tão curiosa! Era então verdade? A Brigida que fosse franca. Não que ella desejasse muito vel-o, que até a carta

ainda lá estava fechadinha como a recebera; mas que lhe dissesse tudo. Elle perguntára muito por ella, não ? Parecia muito desejoso de a encontrar, não era verdade ?

E a Brigida assegurava que era. Coitadito ! Estava de metter piedade à gente. E tomava umas certas liberdades de cumplice. Punha-lhe a mão no hombro. Andasse lá, a felizarda ! Porque nem todas tinham a felicidade de encontrar assim uma Brigida tão resolvida a fazer o sacrificio da sua tranquillidade para commodidade de ambos.

Calculava já o que o negocio lhe poderia render. A ama que a ouvisse e que não tivesse cuidados — pedia. Com franqueza, ella nunca pudéra gostar do patrão. Achava-o assim meio idiota, meio impertinente ; muito mettido comsigo... Palavra de Brigida, o casamento fôra uma desgraça para a ama !... Ora se fôra !

Teve de dar treguas áquella tagarellice
A ama pedia-lhe que fosse passar a vassoura na sala. Na vespera, ordenára-lhe cousa igual. E ajuntava — « Você sabe... Póde vir alguém de fóra... » Ella então iria ler a carta, e depois...

E a Brigida sahiu, e lá foi a cantarolar para a sala. A Cocôta entrou no quarto. Ahi, sentada à beira da cama, tirou do seio a carta do Braga, carta muito perfumada, rescendendo muito fortemente a violetas.

Era uma longa historia de maguas, a narração de uma vida de prantos, vivida muito longe, lá no ignorado retiro dos que soffrem. E ahi, mais que todas, sorria-lhe aquella imagem querida, tantas vezes entrevista em seus sonhos, tantas vezes chimericamente apertada em seus braços.

Desfiava por ahi além todo um enorme rosario de padecimentos. Vinham depois

as allusões. Que nunca pudéra esquecer aquellas entrevistas de outrora. Como elles tinham sido felizes alli, n'aquelle delicioso telheiro que se lhes assemelhára ao Paraiso. E achava-o delicioso! Delicioso, o abandonado telheiro do Tavares, para onde elle atirava os barris vazios de banha e os jacazes inda ressendendo um forte odor de toucinho!

Relembrava tambem a historia da sóva. Chamava-lhe « os tormentos que por ella tinha padecido; isso que fôra o começo do seu glorioso martyrio. » Mas a Cocotinha que tivesse tê em Nossa Senhora, e que esperasse, porque a felicidade, quem a dá é Nosso Senhor Jesus Christo...

— Sabe, sabe, minh'ama! — gritou de repente a Brigida, entrando arrebatadamente pelo quarto—Estão ahi as Travassos; as Travassos, nem mais nem menos...

A Cocota só teve tempo de abrir uma gaveta, guardar lá a carta, e sair, porque as outras, as tres, já entravam muito sem cerimonia, ameaçando ir até á cosinha se não a encontrassem.

— Gentes! Como estás pallida, menina! — fez a mais moça, beijando-a fortemente, apertando-a muito nos braços, querendo mostrar saude.

A outra, a Julinha, abraçou-a por sua vez, e depois a mais velha, a Travassos, viuva que era de um chefe de secção aposentado, ainda celebre pela surdez nunca excedida.

Foram para a sala. Ahi, a mais moça, a Gertrudes, explicou que tinham vindo da rua do Ouvidor. Como a Cocota talvez já soubesse, andavam a fazer compras para o grande premio do Derby. Porque ellas não perdiam corrida. Aquillo até já era a predilecção do *high-life*. Ella

propria que lhe fallara, então, já estava uma .. uma

E voltandø-se para a Julinha :

— Como é mesmo que se diz, Jujú ? Tu sabes. Quando uma moça gosta muito de corridas ?

— Ah! sim. *Sportwoman*.

— Exactamente, Pois ella propria já estava uma *sportwoman* de truz.

E continuava. Na volta, ao tomar o bond, a Jujú, que era muito myope, enganára-se de taboleta. De modo que ahi estavam ellas, longe de casa, e com os pés n'um estado, n'um estado. Ah! a Cocota que imaginasse !

Mas a Cocota garantia que podiam vir sempre, seriam sempre muito bem recebidas. A d. Clotilde é que talvez não gostasse muito de ir lá... Casa de pobre...

E a Travassos, a viuva, muito de-
pressa :

— Cruzes, menina ! Pois eu posso lá desgostar-me d'aqui ! Não, que commigo vale mais o ser recebida de cara alegre do que andar a gente a refestelar-se em divans, e a dona da casa a mandar pelos criados que ponham sal ao brazeiro !

— Ahi está — interrompeu a Gertrudes — a tua cara alegre é que é a *great attraction* d'aqui.

E a Cocota agradecia, sem ter comprehendido a *great attraction*.

Quanto a ella ainda lhe restava um bocadinho da educação que sua mãe lhe déra, graças a Deus. Quando quizessem era só bater á porta. A casa era aquillo que alli estava — pobresinha, é verdade ; mas o pouco que possuíam era de todos, e não se pediam agradecimentos. Viessem ; voltassem mais a miudo .

A Julinha permanecia calada, a olhar para os quadros, apertando muito os

olhos. Só de vez em quando fallava ao ouvido da velha, impaciente. « Espera, filha — dizia-lhe a Travassos, e recostava-se mais e mais no sofá. Porque ella — garantia á Cocota, — não era muito de visitas. Desde que o seu defunto se fôra que não tivera mais vontade de sahir de casa. Era aquillo que se estava vendo. Sempre de preto, qualquer cousa a faticava d'aquelle modo...

— Ah! E' verdade, Jujú! — lembrou a Cocota. — Disseram-me que te casas?

A Travassos, a viuva, sem deixar a palavra, explicou logo que sim. Já era cousa decidida. Um partidão, filha! E que rapaz sympathico! Ella não era de muitas sympathias; pois aquillo fôra olhar-lhe para a cara, e ficar logo cahidinha pelo genro. Imaginasse a Cocota, quando se dera aquillo com ella, o que

se não teria dado com a Jujú. Verdade fosse que fallavam muito delle no sitio. Mas inveja, pura inveja ; unicamente porque o rapaz tinha dinheiro !

— Ah ! têm dinheiro !

E a Cocota comprehendia perfeitamente o enthusiasmo da velha. Tinha dinheiro ! Mas ahi estava a razão de toda a brusca sympathia da Travassos por elle. A Cocota conhecia-a muito bem. Aquella era ambiciosa como nenhuma. Ninguem melhor do que ella farejava um casamento rico. E ouvindo-a discorrer tão enthusiasmicamente sobre esse noivo da Jujú, vinha-lhe á idéa o enthusiasmo do Tavares, fallando-lhe do Bernardo, inculcando-o para seu marido, a affirmar que elle era « um partidão » como a Travassos não se cansava de repetir ; e revoltava-se no intimo contra esse modo de dispor tão livremente dos

filhos como de um objecto que póde trazer algum lucro.

— Não é exacto, não tenho razão?— perguntava-lhe a Travassos pela terceira vez, sem que ella a ouvisse.

E a Cocota, arrancada áquellas reflexões, que até lhe davam vontade de enganar o marido para se vingar de tudo quanto a tinham feito perder com o seu casamento, voltou-se para a Travassos.

— E' sim — garantiu, um quasi nada ironica.— Já se têm até provado que esses é que são os casamentos melhores. A Jujú que não deixe fugir o noivo...

— Qual fugir, filha. Agora então!

E a Travassos continuava. O rapaz já estava pelo beijo Ah! mas tambem que trabalho para lhe não desagradar! Ella então—levasse-o Deus em conta!— não tinha descanço n. nhum. E senão a

Cocota que ouvisse. — Emquanto os dous estavam na sala, emquanto a Gertrudes ficava ao piano, ia ella tratar do chá. Ora, aquillo na sua idade. Verdade fosse — concluia—que ella só lhe desejava mostrar que não era p'ra alli nenhuma sogra dos jornaes.

— Sim ! — fez então a Gertrudes.— Isso póde ser muito cousa... Mas então eu ? Eu que hei de estar todas as noites ao piano, para lhes amenisar o *tête-à-tête* ?

Entretanto, como a Jujù fallasse desta vez muito decidida ao ouvido da velha, levantando-se, prompta para ir embora, a Travassos accedeu.

— Sim, vamos. E voltando-se para a Cocota : — Vês, filha ? Ainda uma pessoa não teve tempo de descançar um bocado, e já lhe estão a gritar que ande, que vá para casa. Um fadario, um verdadeiro fadario !

— Qual, — attenuava a Cocota. — O que é necessario é ter paciencia, fazer cara alegre.

— E depois, tú comprehendes... — interrompeu a Gertrudes, — *Noblesse oblige...*

Mas a Cocota não comprehendia. Detestava mesmo na Gertrudes aquelle séstro de estar a repetir tudo quanto lhe cahia ao alcance da mão, unicamente para ficar ácima das outras. E, como a Travassos fosse para beijal-a, voltou o rosto para o outro lado, muito enjoada pelo mão halito da velha.

Houve ainda uma troca de beijos, abraçaram-se; a Gertrudes foi a um dos canteiros do jardim buscar uma rosa que prendeu triumphantemente ao peito, e sahiram, rindo, gargalhando umas tantas recommendações que mutuamente se faziam, e agitando ainda de fóra os lenços,

quasi a desaparecerem occultas pelo muro ennegrecido do tempo.

A Cocota ficára de pé, no limiar da porta. Agora que se via só não precisava disfarçar o máo effeito que lhe tinha produzido todo o fallatorio da Travassos a proposito d'aquelle noivo da Jujú. Tinha dinheiro ! Mas então era tambem como o outro, como o Bernardo ?

E porque aquillo a tivesse aborrecido, porque aquillo a tivesse incommodado dando-lhe o secreto desejo de se vingar de todos, entrou para a sala. Justamente, vinha-lhe á memoria a carta do Braga, aquella que lhe parecia sentir ainda no seio, muito junta á carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope. Alli, na meia escuridão produzida pelas janellas cerradas, poderia reflexionar mais á vontade.

E, entretanto, alguma cousa como um

perfume forte e penetrante posto alli perto fazia-lhe mal. Era um lenço da Gertrudes, esquecido junto de uma cadeira, muito fortemente impregnado de heliotropo. A Gertrudes adorava esse cheiro; ella é que nunca o pudera tolerar; dava-lhe dores de cabeça, fazia-a pensar em cousas tão extravagantes!

E quasi tonta, sentindo oscillar-lhe a cabeça, levantou-se para pol-o fóra. Mas a Brigida, a criada, entrava nesse momento. Vagarosa, olhando mysteriosamente em redor, depois de fechar bem as janellas, tornando ainda mais asphyxiante a temperatura da sala, contou-lhe que o Braga viéra pouco antes; como as Travassos estivessem na sala, ella tinha-o feito demorar-se lá dentro; agora vinha prevenil-a, vinha saber se a ama sempre o queria receber. Porque elle lá estava, doido, ancioso, soffrego por vel-a.

— O Braga alli, tão perto !

Isto ha tanto tempo murmurado no intimo, isto no intimo ha tanto tempo desejado, punha-a tremula, feliz por sabel-o perto, sequiosa de o ter ao seu lado, respirando o mesmo ar que ella, ébrio d'aquella mesma embriaguez. E sem ouvir mais a Brigida, sem entender o que ella lhe perguntava, deixou pender machinalmente a cabeça, parecendo acceder.

O calor abafava, na escuridão quasi inteira da sala. Aquelle maldito perfume do heliotropo fazia-lhe arder a cabeça. Felizmente a Brigida fôra-se; do contrario nem ella propria sabia o que lhe teria acontecido.

E deixava-se estar presa d'aquella doce embriaguez dos sentidos, e ia quasi a adormecer, feliz, arfando-lhe o coração, chimericamente transportada áquelle tempo das entrevistas ao luar, quando

sentiu que a tomavam nos braços, apertando-a muito, esmagando-a quasi, beijando-a por todo o rosto, ao mesmo tempo que ella se deixava arrebatada, muito curiosa de saber para onde a levavam assim, tremula, offegante, tão deliciosamente embriagada.

E enquanto o Braga desaparecia, levando-a pela porta encortinada do seu quarto de nupcias, do outro lado o olhar vesgo, o olhar hypocrita da Brigida apparecia collado á vidraça, flamejante, curiosamente terrivel, procurando devassar até o mais intimo segredo da alcova.

O JEROMO



ORREU uma gargalhada de ponta a ponta do meio-circulo, rapida, re-
bentando de todas as boccas, como se fosse o estopim de uma gyrandola. O Jeròmo, ainda de cócaras, firmou-se n' um braço, para se levantar do tombo; e, de novo, estatelou-se no chão. Nova gargalhada explodiu, de subito, como o lépido levantar de azas de uma revoada de pombos... « Paga prenda ! paga prenda ! » gritavam. Tia Michaela, a um canto do

sofá, com as duas mãos na cintura, pedia que não a fizessem rir tanto, por causa do figado. E seu Rodrigues, um caixeiro da Côrte, que andava por fóra, em cobranças, veio logo, chapéo na mão, todo sorrisos, para receber a prenda do carreiro.

« Paga prenda ! paga prenda ! » O Jerônimo resistia à intimação. Não pagava. Cahira ao querer ajoelhar-se muito depressa, mas não rira, nem ao menos começára as palavras do jogo : « *Meu senhor S. Roque, eu aqui estou a vossos pès, sem me rir, sem chorar...* » Não pagava. « Paga prenda ! » insistiam... E a Margaridinha, a filha de tia Michaela, de joelhos sobre uma cadeira, gritou-lhe tambem que pagasse.— « Pague, seu Jeronymo... E' p'ra não parar o jogo. » O Jerônimo pagou, com um botão de punho. O caixeiro da Côrte voltou para o seu logar, todo sor-

risos: « Minhas senhoras, vae continuar o jogo ! O senhor S. Roque é a senhora D. Margaridinha.»

Fôra, o luar banhava todo o jardim plantado de esponjas, desenhando na rua a ramagem crescida da cêrca de espinhos. A estrada, tortuosa, toda de areia, refulgia ao clarão da lua. Longe, no silencio da noite, latiam cães.....O Barradas, «amigo de seu Barão,» suando em bicas, viêra para o jardim e encostára-se á cancellinha da porta, a fumar. O jogo continuava, lá dentro, na sala. Ouvia-se a voz do caixeiro da Côrte. «Que se ha de fazer ao dono ou dona desta prenda?» E viam-se sobre os aparadores os dois grandes lampiões de kerozene, trazidos pelo Barradas da casa de seu Barão, para aquella festa de annos da tia Michaela.

O Jerómo era carreiro lá do alto, da fazenda do Dr. Chico Penna. Mais p'ra

baixo ficavam as terras de seu Barão— Barão de Santa Mathurina. Ahi é que o Barradas punha e dispunha, como dono da casa, comendo á farta, bebendo ainda melhor. Portuguez esperto, muito insinuante, começára auxiliando o administrador da fazenda. Um dia —ia para tres annos—o administrador vira-se, de subito, posto no meio da rua. O Barão, colérico, cheio de raiva, não lhe consentia que se justificasse. O homem não fizera nada. O Barradas foi nomeado para o seu logar.

«Bom administrador tenho eu!»— costumava dizer o Barão. Carreiro é que não tinha, tão bom como o Jerómo. Certa vez, o Jerómo ia a entrar em casa, empurrava já a porteira, quando retiniu este grito—«Eh lá, ó Jirónymo!» Era o Barradas. O outro não o ouviu. O portuguez chicoteou mais a besta em que vinha, enterrou-lhe bem as esporas... Depois, repetiu o cha-

mado:— « Eh lá, ó Jirónymo ! » O Jerómo demorou-se a esperal-o, com a mão ainda sobre a porteira. E, ao brusco choque das esporas, a besta trotou mais depressa, até junto da cancella. Ficou ahi, sem parar, ao mesmo tempo avançando e recuando, a apertar as pernas do Barradas de encontro às duas ripas pregadas em cruz.

—Manhosa como ella só!—achou, sorrindo, o Jerómo.

O Barradas apeou-se, tirou as rédeas de sobre o pescoço do animal, passou-lh'as da cabeça para fóra, por cima das orelhas, e foi prendel-as adiante, a uma das pontas da cêrca. Demorou-se ainda um bocado, a enrolar um cigarro. Por fim, abordou a questão. O sr. Barão mandava perguntar ao Jirónymo se não queria ir lá trabalhar pr'á fazenda. O Jerómo estava que não cabia em si da surpresa.

O Barradas contava com isso. Ah! estava admirado, não éra? Tinha de que. Era uma fortuna que lhe cahia do céo. E gabava a fazenda. Que bonita que estava agora! Passava-se muito bem de barriga. Aquillo é que era viver a gente uma vida regalada; comiam-se quatro vezes ao dia! E depois, se o Jirónimo quizesse, dobrava-se-lhe o ordenado, ajuntava-se-lhe uma gratificaçõzinha para os cigarros, e até o sr. Barão inda lhe havia de dar a sua farpellazinha nova, para os domingos. O Jerómo reflectia, via-se que estava a hesitar. Mas, de repente, fez que não, com a cabeça. Decididamente não acceitava. Era tolo, rejeitar assim uma fortuna que lhe cahia do céo. Mas que lhe havia de fazer? Tinha amizade á casa, criára-se com os meninos...

O Barradas voltou para a fazenda, a apertar cada vez mais o passo da besta, para

repetir ao sr. Barão o que lhe disséra o bigorriha do Jirónymo. E logo ao chegar, em meio do almoço, tendo muito cuidado em que não esfriasse o bife do sr. Barão, a mandar pelos criados que fechassem bem as janellas da varanda para que o sr. Barão se não fosse constipar, o Barradas contou-lhe o que ouvira do carreiro. «E' uma criança....—» deixou escapar o Barão. E o Barradas logo, com toda a sua verbiagem de portuguez muito esperto:— «E' um estúpido, é o que é...Vossa Excellencia não n'o conhece. E' um estúpido e um bigorriha....Um bigorriha é que elle é, saiba-o Vossa Excellencia!....»

Esmorecia a luz. Manchas de fumaça iam subindo aos poucos pelo interior dos globos, nos dois grandes lampiões de kerozene. Tia Michaela queixava-se do figado, fizéra-lhe mal o jantar. O Barradas voltava nesse momento para a sala, mãos nos

bolsos, fumando. Vinha de fôra, janellas a dentro, cortante e rispido, o aspero frio da madrugada. Nuvens róseas appareciam pelo céo. « Bons dias, siá dona! » — gritaram da estrada para a Margaridinha que se fôra debruçar á janella. O caixeiro da Côrte ainda quiz ver se reanimava a festa. « Minhas senhoras, meus senhores! Vamos agora jogar o *Coche da familia*. Eu sou o cocheiro; D. Margaridinha é quem mais brilha, é a lanterna. O sr. Barradas é o chicote.... » Voltava-se, todo sorrisos, para cada um. Mas a Margaridinha achou que já era tarde. — « Qual, seu Rodrigues! Já é dia.... Mamãe está com somno » Clareava mais. « Agora é cada um pr'a sua casa! » interrompeu asperamente o Barradas.

Despediram-se, trocando abraços, apertando-se muito sacudidamente as mãos. Tia Michaela distribuia beijos, a torto e a direito, fazendo convites — « Não se esque-

çam, hein? Agora é pelo Natal!» O Jerómo chegou a correr, do jardim. Occultou umas flores no casaco; depois estendeu a mão à Margaridinha, olhando-a bem em face. «Não me esqueça!» —disse. A moça apertou-lhe os dedos, quasi a esmagal-os... E ficou em silencio. Tinha os olhos cheios d'agua. «Venha amanhã!» —segredou a muito custo. O Jerómo disse que sim, com a cabeça. E sahiu. Mas, da rua, voltou ainda, como se lhe faltasse alguma cousa; parou indeciso. «Até amanhã, tia Michaela!» —fez, depois. Apertou outra vez a mão da Margaridinha. Custava-lhe deixal-a assim. Desejaria ficar para sempre junto d'ella, ouvindo-lhe aquella musica da sua voz.

Partiu, afinal. Levava um grande vacuo no peito. Os olhos humedeciam-se-lhe; tinha uma enorme vontade de chorar... Passaros cantavam. Do matto em roda,

subia um embalsamado, um fresco cheiro deervas. Gottas de orvalho cahiam dos espinheiros; e, pela relva adiante, borboletas iam e vinham, doidas, agitando azas tremulas, amarellas por sobre as flores amarellas.

Entrou em casa. Atirou-se à cama, para ver se esquecia aquella idéa da Margaridinha. Talvez dormisse... Não dormiu. Aquillo era como se lhe houvessem arrancado do peito, na festa, alguma cousa que lhe fazia muita falta. Voltava-se para a parede, fechava os olhos, apertava-os bem, para não ver cousa nenhuma... E para logo se lhe deparava outra vez a sala do jogo de prendas. Era ainda o caixeiro da Côrte quem as ia a pouco e pouco recolhendo no chapéo; o jogo é que já não era o mesmo; não era o Senhor S. Roque, era uma cousa parecida. E o Jerómo via-se de joelhos aos pés

da Margaridinha— «Minha santa Margaridinha, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar, sem me rir... Eu aqui estou a vossos pés... »

O Jerómo voltou no dia seguinte à casa de tia Michaela. Voltou depois ainda, e no terceiro dia, e mais tarde. A Margaridinha vinha buscal-o à cancella, toda de branco. E subiam, mãos dadas, almas felizes, acompanhados desde a porta pelo vigilante, bondosissimo olhar da velha.

Mas, n'um dia, tia Michaela veio, ella propria, recebel-o á entrada. O Jerómo parou, surpreso, indagando com os olhos. E tia Michaela explicou o que havia.— « O Leopoldo, aquelle, magrinho, que estivera lá no dia dos seus annos... Ah! não conhecia? Pois, coitado! Fôra-se... Bexigas... » Bexigas!— «E' verdade; bexigas! » Era o sexto, n'uma semana. O Jerómo estremeceu de terror; dominou-se,

porém. « Mas, e a Margaridinha? » Tia Michaela tranquillizou-o. Estava no sitio do Leopoldo. Fôra pela manhã, para ajudar a gente de casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça. O Jerómo despediu-se, voltaria depois. — « Sabbado, ella já ha de estar ahi. Tenha paciencia! » Teria paciencia. E foi embora. Luzes brilhavam longe. Anoiectia. O Jerómo levava como um presentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, á tarde. Esperou-o até alta noite. Nada. Esperou-o no sabbado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, n'aquella noite lugubre, tia Michaela veiu da rua a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol; veiu a tarde, frígida tarde de inverno. E nada. A Mar-

garidinha esperava á porta, apoiada á cancella.

Nuvens pardacentas iam-se amontoando pelo céo. Peneirava um chuvisco. E subito, do alto, d'entre barrancos, aos solavancos pelo tortuoso caminho—violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia—surdiu uma antiga, uma arruinada caleça, sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscilava um caixão. Oleados resguardavam-n'o do tempo. E, logo atraz, vinham, a galope, dous cavalleiros.

O céo fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentiu que alguma cousa se lhe enroscava no coração. Era como uma cobra mà que o tivesse agarrado de subito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chiavam na areia, rapidas, ao rapido trote das bestas.

Homens descobriam-se ao vel-o. E tia Michaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

—Coitado do Jerómo! —disseram, na casa visinha.

A Margaridinha apoiou-se mais á cancella :

—Ah! meu Deus! —soluçou, dolorosa, angustiadamente.

Só. Faltava-lhe o chão. A' garganta subiam-lhe, n'um bolo, toda aquella magua, toda aquella agonia, toda aquella dor. O carro passou. Do caixão mal fechado, evolvava-se, ficava um máo cheiro espalhado pelo ar.

—Siá dona, reze por elle! —gritaram.

Chovia mais forte. Lagrimas rebentavam em fio, das arvores sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada á cancella, com um tremulo, nervoso rictus nos labios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

GENIAL ACTOR!



SÀ me não lembra qual era o título da peça que por aquelle tempo se representava no S. Pedro. Parece-me que era o *Demonio do Mal*; o *Demonio* ou a *Villania de Rei*. Vá que fosse a *Villania*. Bello drama! Os jornaes achavam que era uma peça philosophico-sociologico-moral, e accrescentavam— « é mais uma perola arrancada ao glorioso escritorio do festejado dramaturgo Borbas de Vasconcellos. » O Borbas

era tambem o auctor dos *Desgraçados que riem*, que já haviam dado uma duzia de representações. E por tudo isso rejubilava. Quem não rejubilava era o Fabriciano Correcto.

Villania de Rei... O rei era um que por aquelle tempo estava no galarim. O Fabriciano fazia de duque — duque de Santo Ildefonso. E no 5º acto, brandindo a espada, rangendo os dentes, pallido e tremulo de raiva, tinha que recitar uma falla enorme, da qual a phrase ultima era, por assim dizer, o maior attractivo da representação.

E' preciso confessar uma cousa — o duque de Santo Ildefonso não era papel para as forças do Fabriciano. Elle nunca fôra homem para indignações, nem para gritos. Se lhe houvessem distribuido um typo de homem pacato, dado a conselheiro, amigo da humanidade, teria feito

um successo... Mas não lh'ó deram. De modo que o pobre diabo do *Mamami* lá se arranjou como pôde. Se não chegou a fazer um brilharetur não foi por falta de ensaios. Quinze dias antes, já elle brandia a bengala e berrava como um doido no seu quarto da rua de Riachuelo.

Ah! o *Mamami*! O tal que por aquelle tempo estava no galarim dizia delle que « era de gloriosa memoria. » Outros achavam-n'ó apenas um pobre diabo de burguez. O Borbas, o proprio Borbas, disséra delle, encolhendo os hombros: — « E' um pedaço de *blasé*. » O Fabriciano não comprehendeu o *blasé*, mas zangou-se, deu o cavaco. E maior cavaco dava ainda quando lhe chamavam o *Mamami*. *Mamami* era um resto do *Mamá-mi-qué-ovo* com que uma vez o haviam alcunhado no collegio. Meio tate-bitate, damnado por ovos, o Fa-

briciano pedia-os assim, na sua meia lingua: — « Mamã-mi-qué-ovo. » E o *Mamã-mi-qué-ovo* ficou.

Quando a *Villania* foi á scena a critica inteira accudiu ao theatro. Já pela manhã os jornaes tinham annuciado que « um brasileiro de talento, o Sr. Borbas de Vasconcellos, fizera mais uma tentativa em favor do nosso de pauperado theatro nacional. » O Borbas torceu o nariz ao « senhor », mas achou agradavel o « brasileiro de talento. » A' noite, ao vêr o theatro cheio, sorriu, esfregou as mãos, e foi para os bastidores, para animar a rapaziada.

Subiu o panno. O primeiro acto da *Villania* passava-se n'um jardim do real palacio, « por uma placida, por uma perfumosa noite de luar », como lá se dizia na peça. O Fabriciano ainda não entrava; se entrasse não haveria motivo

para a sua indignação do 5º acto. Quem entrava era a duquesa — a honesta Santo Ildefonso ! O rei também entrava, apressadamente até. E das revelações de semelhante encontro, e de todo o apaixonado dialogo de ambos, resultava que os Santo Ildefonso ficavam moralmente obrigados a baixar a cabeça ao peso d'aquillo tudo.

O caso não se complicava muito por isso. O rei fazia ao nobre Santo Ildefonso a honra insigne de lhe conceder o pariato... « por amor dos seus grandes serviços e dos da illustre dama, a virtuosa duquesa... » Talvez que principalmente por estes ultimos. E d'ahi, pôde ser que não. « E' mais um par para a nossa familia ! » — exclamava um velho Santo Ildefonso, ao saber da boa nova. « E é a ti que eu o devo ! » — gritava o duque, reconhecido, atirando-se de braços abertos para a sua cara mulher.

Acabava ahí o 1º acto. Não é preciso dizer que a *Villania* foi um acontecimento. Pelos corredores, durante o intervallo, não se fazia senão commentar o successo do Borbas. « Aquelle ladrão tem talento como o diabo ! » — achava um rapazinho mettido a cousas de litteratura. Mas o Theodorico Valente, dramaturgo como o Borbas, tinha diversa opinião. No seu entender a *Villania* era uma formidolosa estopada.

N'um ponto estavam todos de accordo — na frieza com que o Fabriciano dissera a phrase final. Toda a gente esperava que elle se rehabilitasse d'alli por diante. Veiu o 2º acto, desenrolaram-se mais dois outros, chegou o ultimo, onde se rompiam as cataractas do ludibriado Santo Ildefonso. Era ahí que elle tinha de brandir a espada, tremulo de odio, fulo de indignação. Mas o pobre do Fabri-

ciano não era homem para essas cousas ; esforçou-se, gritou a valer... A' toa ! Por pouco que não compromette o papel.

Entretanto, a *Villania de rei* fez barulho. O Borbas chegou a ser por alguns dias uma celebridade. Fallou-se em dar-lhe um banquete, pediram-lhe uma scena comica para o beneficio do tal que estava no galarim; e ao mesmo tempo que pelos a pedidos do *Jornal*, n'um longo entrelinhado, *Um espectador* lhe deprimia o merito para salientar o do Theodorico Valente, em Maxambomba fundava-se o Gremio Dramatico Borbas de Vasconcellos.

O Borbas estava radiante. O Fabriciano, porém, desesperava-se com o não ser applaudido, nem ao menos na scena do 5º acto. Para os outros palmas e flores, para elle nada. N'um bello dia houvéra lá pelas galerias um certo ruido muito inquietador. Valeram-lhe uns bruscos

pscio! atirados dos camarotes para o alto. Mas a tempestade podia desabar, e lá se iria tudo quanto Martha fiou. O Fabriciano punha-se de novo a ensaiar a grande falla, no quarto da rua de Riachuelo, brandindo ameaçadoramente a bengala, berrando como um possesso. Coitado do Fabriciano!

O supplicio durava-lhe desde as noticias da primeira representação. O *Globo*, logo no dia seguinte, affirmava: « O Sr. Fabriciano estava evidentemente deslocado no seu papel. » O *Jornal* dizia: « ... o Sr. Fabriciano quasi que sacrificou a bella scena com que termina o 5.^o acto. » A *Gazeta*, então, chegava a fazer um trocadilho. « O Sr. Fabriciano Correcto é que não foi correcto nem nada. » O Fabriciano não fez escandalo porque não era homem para indignações. Veiu-lhe, porém, a

idéa de arranjar uns applausos tambem para si. Como diabo os havia de arranjar? O Fabriciano não sabia, mas havia de vêr. E poz-se a pensar e a matutar no caso. Afinal parece que tomou uma resolução. Parece. Elle não a communicou a ninguem, nem ao empresario, quando lhe foi pedir, pela manhã, « que fizesse o favor de lhe adiantar cento e cincoenta mil réis. »

A' noite, o S. Pedro regorgitava. Pudera ! « Hoje, o maior successo da época, 18^a representação da *Villania de rei* ! » — tinham apregoado os jornaes. A porta, um grande cartaz annunciava para o dia seguinte ainda « o maior successo da época. » O Fabriciano, perto, ensinava a uns sugeitos onde era a subida para as geraes.

Panno acima, começou a *Villania*. O jardim do 1^o acto apparecia agora um bocadinho mais escuro, a conselho do

Borbas, para melhor effeito da lua. E a um lado, sob o caramanchão, o soberano e a duqueza trocavam-se juramentos de amor « por aquella placida, por aquella perfumosa noite de luar... »

O Borbas lá estava no theatro, mirando-se na sua obra, deliciando-se com aquelle apaixonado dialogo de ambos, como se nunca o tivesse ouvido, nem o tivesse escripto elle mesmo. Outrem deixaria de ir ou de assistir ao espectáculo todo inteiro; elle não. Elle e o Theodorico; este ultimo para ver quando diabo começavam as vasantes. *Um espectador*, o mesmo dos *a pedidos* do *Journal*, já as annunciára para qualquer d'aquelles proximos dias.

Nessa noite, o Borbas e o Theodorico estavam justamente a pensar que o Fabriciano parecia agora mais à vontade no papel. Parecia, não; estava re-

almente ; ou fosse que elle se tivesse resolvido a dar tudo logo nas primeiras scenas, ou que já se não incommodasse muito com a grande falla do 5.º acto, o caso é que o Fabriciano estava agora mais afinado no papel.

Veiu o 5.º acto. O Theodorico lá se fôra sentar na primeira fila de cadeiras, para não perder nenhum dos movimentos do Fabriciano. E o Fabriciano entrou, braços cruzados, cabisbaixo, abatido ainda pela revelação do adulterio da honesta Santo Ildefonso. Estrondeou uma grande, uma uniforme, uma entusiastica salva de palmas. O Fabriciano parou, mirou as torrinhas, atravessou para o fundo, por onde o rei vinha n'aquelle momento a entrar. Nova salva de palmas irrompeu. Desceu ao proscenio. Palmas repercutiram ainda.

E por aquelle começo de acto a fôra

foi um nunca acabar de palmas escandalosamente sonoras. Eram palmas por dá cá aquella palha. O rei, o tal que estava no galarim, começava já a desconfiar de tamanha prodigalidade de applausos. Alli andava por força bandalheira do *Mamami*. E recordou-se do adiantamento dos cento e cincoenta mil réis. Uma claque! Ora alli estava para o que servira o dinheiro. O idiota do Fabriciano nem ao menos sabia escolher gente esperta para aquillo. O proprio Fabriciano já se ia enfurecendo com o caso. As palmas continuavam, cresciam sempre. Afinal, começou a grande falla, a celebre tirada do 5.º acto. « Que o céo vos valha, senhor; mas ides restituir-me aquelle coração que era meu! »

Restituir-lhe o seu coração! O rei estava mas era a debochal-o, meio virado de costas para o publico. Fazia-lhe caretas,

fingia que tambem lhe estava a bater palmas. E, subito, n'um ponto da scena, porque tivesse de investir para elle, e valendo-se do barulho que faziam as palmas:

— Eh, *Mamami!* — gritou.

Mamami! O Fabriciano perdeu as estribeiras. Era de mais, tambem aquillo era de mais. E atirou-se, de espada em punho, para o canalha do rei. O braço tremia-lhe de raiva, as palavras sahiam-lhe freneticamente, borbulhando, prenhes de odio, coruscantes de indignação.

« *Mamami!* Espera, pedaço de canalha!»—E as palmas cresciam cada vez mais. Agora era a platéa inteira. Ninguem ouvia o que estava dizendo o Fabriciano ; viam-lhe apenas a indignação nos gestos, a colera na physionomia. E toda a gente achava que aquillo era verdadeiramente magistral.

Era à toa que o ponto berrava os últimos trechos da grande falla... «Por esta espada que tenho vos juro que d'aqui não sahreis vivo, ^rsenhor!» — Qual vivo, qual nada! «^rMamami é ella, meu grandissimo cão!»

O rei não esperou o golpe do Fabriciano para se deixar cahir morto no palco; atirou-se de costas, mal a durindana silvára, lucida, no ar. Desceu o panno, muito devagarinho. Toda a gente batia palmas, delirante, quasi doida. A sala inteira vinha abaixo, à diabolica barulhada de toda aquella ovação. Um espantoso successo! O Borbas, soffrego, a acotovelar toda a gente, atirou-se para o camarim do Fabriciano, para lhe agradecer a sua interpretação. E o Theodorico — o Theodorico elle proprio! — teve esta simples, esta eloquente, esta convencidissima phrase :
— Genial actor!

OBRA COMPLETA



GUARDA disséra-lhe que se podia ir embora. Turibio mirava-o, olhos abertos e fixos. Tinha uma expressão de doido. Ia para perguntar o que era, mas, a um movimento do outro, deteve-se, humilde. O guarda deitou-lhe a mão ao hombro, muito calmo :

— Anda, põe-te là fóra...

— Là fóra...

Os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente. Hesitava; afinal decidiu-se :

— Lá fóra—e indicava a porta aberta, dando para o pateo—Lá, na rua?

— Na rua, sim... Anda, põe-te lá fóra.

Turibio passava a mão pela cabeça, olhava estupidamente. Desceu a mão pela nuca, passou-a pela barba hirsuta e crescida. Olhava. E arriscou umas palavras, a medo:

— Posso ir para casa?

O outro desatou a rir:

— Como é? Para casa? — e ria-se—
Queres ir para casa, não é?!

E achava-lhe graça. Queria ir para casa; era boa! Veiu-lhe um acesso de tosse. E repetia:

— Com que então queres ir para casa, hein?

Turibio calára-se, cabeça baixa. Esteve assim um pouco; levantou a cabeça por fim:

— Não senhor... — e desculpava-se,

muito humilde — Não queria ir para casa. Ia, mas era se V. S. me dêsse licença... — e apparentava um sorriso ; as palavras sahiam-lhe a custo. — Não era porque eu quizesse, não senhor ; — embargava-se-lhe a voz na garganta — ia porque V S. me estava mandando em bora. Mas V S. desculpe...

Fallava como uma pessoa a quem se acenasse com uma esperança para fazel-a desaparecer desde logo. E repetia com a voz estrangulada :

— V S. desculpe... Pois se eu nem me quero mais ir embora !

O guarda tinha os olhos cheios de lagrimas, á força de rir. Queria ir para casa, o diabo do homem ! Enxugou os olhos, levou o lenço á bocca. E, agarrando-o por um braço :

— Queres ir para casa, não é? Pois vae...

Tossia; levou outra vez o lenço à bocca :

— E' boa ! Pois vae... Vae, se a encontrares ! O que é preciso é que te não demores por aqui. Põe-te na rua, anda !

Empurrou-o, bateu-lhe a porta nas costas. Turibio ficou parado, no pateo, a olhar para fóra. Deu uns passos, correu os olhos pelas paredes, altas, distantes. Moveu os braços, respirou forte. Para lá da porta ficava a sala de espera, vasta, caiada de novo. Elle atravessou-a. Mas, pelo corredor ao lado, vinha um sugeito de oculos. Turibio parou, timido. Não fosse elle mandal-o para dentro. E ficou á espera, tremulo, resignado.

O sugeito vira-o, acenava-lhe com a mão :

— Seja feliz, hein, irmãosinho ; seja feliz ! Veja se nos não torna a ocupar.

Elle acompanhava-o com os olhos, indeciso, surprezo. D'um banco pro-

ximo, agarrado à parede, meio occulta pela sombra, surdira uma figura esqueletica de mulher. Embrulhava-se n'um chale, tinha um pequeno ao còlo. E foi para o dos oculos; cumprimentava com a cabeça, a falla em pranto, os olhos cheios d'agua :

— Senhor doutor... Eu vinha para visitar o 18...

— A's terças, filha ; às terças é que são as visitas. Está là na porta ; é a ordem... Venha depois d'amanhã. E' a ordem ; às terças é que são...

E sumiu-se por uma porta. A mulher teve um gesto de desanimo ; ageitou o pequeno ao hombro, poz-lhe o chale pela cabeça, e sahiu. A' frente da casa, o jardineiro regava duas enfesadas palmeiras, em tinas, irrompendo dentre moitas de tinhorões rubros. Turibio seguira; desceu os dois largos degráos de pedra da en-

trada, pisou o cascalho do jardim. Ia para transpor o portão, mas o jardineiro detiverá-se e olhava-o. Elle arriscou um cumprimento :

— Deus Nosso Senhor lhe dê bons dias, patrão !

— Deus o salve a você ! E que permitta que nunca mais o vejamos cá por casa...

Turibia agradecia :

— Muito obrigado ao senhor ! Deus que o permitta ! — e enchia-se de coragem : — Deus que o permitta... Olhe, muito obrigado ao senhor !

Sahiu ; mas da rua voltou-se ainda para traz. O jardineiro curvára-se, cuidava plantas. O sol cahia do alto, rutilo, sobre o aspero cascalho lucido do jardim. Perto, ao alto do morro, badalavam sinos ; e da capellinha para cá derramava-se o casario do povoado, atabalhoadamente

pintalgado de cores vivas. Turibio mirava a casa. Ha doze annos era acanhada e humida; pelo telhado limoso e negro, á sombra de copadas arvores, desoladas plantas rachiticas finavam-se, baldas de calor. Agora, erguia-se para o sol, vasta e nova. E ás janellas, as grades de ferro tinham uma coloração artistica de bronze.

Abanou a cabeça; olhou ainda um pouco. Seguiu afinal. Ia embora. O jardineiro, porém, vira-o parado, e teve uma idéa. Correu á porta, chamou-o:

— Eh lá, ó amigo! — e gritava — O' amigo! — e, sardonico: — Onde diabo vae você assim?...

Elle parou. Fez-se-lhe um nó na garganta. Uma cousa gélida subia-lhe, rapida, á cabeça. Tremiam-lhe as pernas.

— O' amigo! Olhe, faça favor...

Turibio veiu. O que elle entrevira ha pouco, o que elle sonhára, tudo lhe de-

sabava de repente. Sentia-o ruir no cerebro. Veiu, não porque o quizesse; as pernas traziam-n'ó, máo grado seu. Entrou. Tinha as feições desfiguradas. Passou a manga da camisa pelos olhos; ia para subir os dois largos degrãos de pedra. O jardineiro agarrou-o :

— Onde diabo vae você, homem?

Turibio sacudiu-se n'um impeto, para se desvencilhar do outro :

— Vou p'ra cima... Lá p'ra cima...

E n'um desabafo :

— Lá p'ra cima, p'ra o inferno!

— O' homem de Deus! — e o jardineiro parecia arrependido de o ter chamado — Que pensa você que a gente lhe quer? — o outro olhava-o; não comprehendia cousa nenhuma.— Você quer ir embora, quer? Se quer, olhe que já aqui não está quem fallou... Co'os diabos! A gente até se arrepende de lhe querer fazer bem!

Fazer bem; queria-lhe fazer bem. Turibio ficou olhando, calado. O jardineiro fallava, batendo-lhe no hombro:

— Vae você por ahi, sem casaco e sem chapéo; a gente chama-o, e põe-se você com essa cara que até dá vontade de lhe voltar as costas, para a não ver.

E elle recordava-se. E', ia por alli sem casaco e sem chapéo. Mas tinha-os em casa. E concordava:

— E', vou... Mas tenho-os em casa.

— Em casa, onde?

— Em casa, lá em casa...

O outro sacudiu a cabeça:

— Qual! você até parece que não entende das cousas... Que casa é que você tem? onde é? Que diabo é que você tem em casa?

— A minha roupa... — e como se lhe houvesse recordado alguma coisa melhor — A minha filha!

Enchia-se-lhe o rosto de jubilo, áquelle idéa da filha. Brilhavam-lhe os olhos. O jardineiro fitou-o ; talvez duvidasse da seriedade do que elle estava dizendo. E não lhe tirava os olhos de cima ; não lhe perdia uma contracção, um movimento. Afinal :

— Você está fallando serio ?

Turibio nem lhe escutára a pergunta. Repetia muito baixo, sómente para si :

— A minha filha !

O outro teve um gesto de piedade :

— Olhe, 22, venha cá... — e passou-lhe o braço pelos hombros.— Venha cá commigo. Você parece-me um bom homem.

Turibio deixou-se ir ; parecia que já se não recordava de mais nada do que lhe estava em redor. Calára-se, alheio a tudo, como quem mergulha n'um sonho. Foram pelo corredor, ao lado da casa.

Ao fundo era o quarto das ferramentas, pequeno, de taboas. Entraram. Dependurada do tabique, pendia a roupa de uso. O jardineiro tomou de um paletot esverdeado, roto:

— Escute, 22. — Turibio olhava em roda, á toa — Escute... Leve isto para você... Tenho tambem alli um chapéo velho. — o outro mirava-o, pasmo.—Está um pouco velho... — elle dizia-lhe que não, com a cabeça.— Está; mas que diabo! antes um casaco roto do que nenhum. — Turibio fizera um gesto de recusa. — Leve-os, eu tenho outros; comprei-os ha dias...

E poz-lhe o casaco aos hombros; ajudava-o a vestir as mangas :

— Você ha pouco estava com medo, não era ?

— E' que... O senhor sabe ; é que às vezes a gente... — passava a manga do ca-

saco pelos olhos, para enxugar as lagrimas; ria-se.—A gente, ás vezes, sabe lá o que tem...

O jardineiro examinava-lhe a roupa :
—Fica-lhe a matar! Olhe, é só para ver...

Foi a um canto da parede, agarrou lá um pedaço de espelho, collado a um retalho de cartão, preso por tiras de papel de côr; pol-o diante dos olhos de Turibio, obrigou-o a segural-o :

— Veja só... Olhe que nem de encommenda !

Fel-o voltar-se de costas. Olhava.

— Nem de encommenda ! Parece que foi feito para você !

Turibio tomou do espelho, fitou-o um pouco, levantou-o mais, para ver bem. Passava a mão pela barba, pelo rosto magro, pelos cabellos crescidos. O rosto delle, muito pallido, muito grave, contrastava com o do outro. Palpava com

os dedos as covas amarellas da face. Ficou muito tempo, olhando. E abanava a cabeça, com um ar desolado, em silencio.

— Hein ? — perguntava-lhe o jardineiro.—Que tal ? Está-lhe a matar !

— E' — e Turibio voltava-se para elle, muito serio. — E' uma esmola que eu lhe hei de pagar. A gente neste mundo sempre se encontra, mais dia, menos dia... — olhava para a porta — Bem, eu vou indo... — e esperava a ver se o outro lhe não dizia nada — Eu vou indo... Muito obrigado ao senhor !

— Nem por isso !

— Deus Nosso Senhor é que lhe ha de dar o pago.

Sahia, chapéo na mão. O jardineiro acompanhou-o ; levou-o até a porta, à entrada. Elle voltou-se ainda :

— Deus lhe dê muito ao senhor, e que lhe não falte...

Demorou-se um pouco, a olhar para os lados, como quem se orienta. O caminho fazia uma curva à esquerda; seguia, ladeando cêrcas; subito, descia para o valle. A' direita, era o povoado, em morro ingreme. E abaixo delle, para longe, atravez dos campos, quasi na orla azulada dos montes longinquos, sumia-se a linha de postes da via-férrea— onde, por neblinosas madrugadas e asperas tardes frigiditas, férreos, pesados comboios rolavam, abalando o silencio de em redor...

Turibio tomou à esquerda; andava a custo, com esforço, com fadiga. Por vezes, illuminavam-se-lhe os olhos, murmurava muito baixo— «A minha filha!» N'um ponto, deteve-se, mirou o sól — «P'ra mais de onze...» E seguiu. A estrada, em declive, ajudava-o a descer. Puxou o chapéo para o rosto. Em baixo,

onde começavam os campos, deteve-se ainda. O caminho cansava-o; respirou, comprimindo o peito. E foi por um atalho, por entre terras húmidas, para lá, muito longe, onde arvores se erguiam e uma torre tocava o céu.

Mas, dentre sáfaras moitas hispidas de hispidos espinheiros, uma dulçorosa, tremula toada surdiu :

Peito que foi magoado
Bòte p'ra fóra a paixão...

Um homem vinha, pela estrada próxima. Passou atravez dos espinheiros, desapareceu n'uma curva, surgiu afinal, adiante. Cantava. E a voz d'elle, nostálgica e saudosa, espalhava-se, nitida, pelo ar :

Peito que foi magoado
Bóte p'ra fóra a paixão;
Amor não póde morar
Onde móra a ingratidão...

Demorava-se, n'uma ultima nota, e,
n'uma outra nota prolongada, repetia :
Aaaah...

Amor não póde morar
Onde mora a ingratidão.

Turibio parou; o homem vinha para
elle. Tirou o chapéo :

—Com perdão do senhor, hein... Fazer
parar assim uma pessoa... E' que eu que-
ria ir para a Santa Thomazia... Já nem
sei mais onde é.

—Santa Thomazia?

—E'... Santa Thomazia. Eu tenho lá
uma filha.

O homem reflectia — « Santa Thomazia... Santa Thomazia.» E, alteando a voz:

—O senhor quer ir para a Santa Thomazia?

—E'...

—Veiu de muito longe?

—Vim lá de cima.

Turibio apontava o morro, distante, para lá da linha de postes da via-férrea.

—Da banda da Cadeia Nova?

—E'... Da banda da Cadeia.

O homem fazia por se recordar onde era a Santa Thomazia :

—Santa Thomazia... O senhor já lá esteve?

—Ha tantos annos !

—Muitos, p'ra mais de dez ?

Turibio encolheu os hombros:

—Já lá se vae tanto tempo !

O outro ficàra em silencio; mas afinal :

—Pois, por aqui não ha nenhuma Santa Thomazia, não.

—E' que o senhor não se lembra. Havia lá uma fazenda, grande. Era a um bocado do cemiterio. Até a capellinha pegou fogo.

—Ah! a capellinha pegou fogo?

— Pegou.

— Se sei! O senhor dizia que era Santa Thomazia... Agua Nova sei eu que é! Fica perto da fazenda da Saudade, não fica?

— Fica logo adiante.

— E até a capellinha pegou fogo?

— Pegou fogo.

— Não havia eu de saber onde é a Agua Nova! Pois se lá até foi que mataram o filho da fazendeira...

Turibio fez-se pallido, voltou o rosto, levou a mão à barba. Depois, muito tranquillo, muito devagar:

— Houve lá uma morte, na Agua Nova? Agora, ha pouco tempo?

— Pouco tempo! Só doze annos sei eu que ha.

— Doze annos...—e elle contava pelos dedos. — Doze annos... E mataram um homem ?

— Mataram.

— Mataram... — e elle continuava, a meia voz — Mataram... Quem sabe lá se o teriam morto agora ! Quem sabe lá !

Depois, mais alto :

— E o que matou foi preso? — O homem dizia-lhe que sim.—Foi preso... Sabe o senhor o que é ser preso, hein ? Sabe o que é? Preso sempre, sempre, sempre... Ah ! —e rangia os dentes, de raiva.—Sabe o que é?

O outro olhava-o, desconfiado, muito sério. Turibio calára-se ; fitou-o um

pouco, baixou a cabeça. Acalmava-se.
Depois :

Mataram-n'ò à tôa ?

O homem sorriu :

— A' tôa ! Quer saber o senhor ? Eu
tenho là uns parentes...

— Na Agua Nova ?

— Sim, na Agua Nova. Agora
mesmo vou eu para là... — Turibio
ouvia, muito attento. — Tenho là uns
parentes. Pois elles sabem de tudo ; não
viram, mas là toda a gente conta. Era
uma cousa de fazer virar o sangue à
gente. O que morreu enganava o outro,
sabe ?

Turibio repetia :

— Enganava o outro...

— E', enganava-o com a mulher. Met-
tia-se là dia e noite. Todo o mundo via ;
o marido é que não via nada. Más um
dia... O senhor sabe ; la vem um dia em

que a gente descobre tudo. O marido apanhou os dois, em casa...

Turibio deitou-lhe a mão a um braço, rapido, com um relampago nos olhos :

— Com a filha alli perto, não é ? Com a filha alli mesmo, deitada alli, vendo tudo, aprendendo tudo. Não houve um raio do céu que os matasse ! Acredita em Deus, o senhor ? Acredita, hein ? Pòde-se acreditar, pòde-se ter fé, assim ?

Tremia, de colera. O homem puxou o braço :

— Coma é que o senhor sabe que elle tinha uma filha ?

Turibio voltou a si. Disfarçava :

— Eu ia lá, ás vezes... E depois, lá— e indicava o caminho, para trás—lá toda a gente conta ; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'...— e o outro concordava — Na Agua Nova, então, toda a gente sabe.

Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim ! Que morte ! Picou-o todo, a faca ; todo ! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... —e elle accentuava aquillo—A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor ? Enganavam... Olhavam para o outro assim... — e puxava as maçãs do rosto para baixo, com os dedos ; deixava os olhos a descoberto — Olhavam assim, claro, puro... Fallava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso ! Pensa que elle tinha coração ? Tinha coração como o senhor, como eu ?—e levava a mão ao peito—Tinha coração, aqui ? Ah ! Quem o tem faz aquillo ? Agora não ha de fazer. Está morto, pagou tudo.

«Pagou tudo ! » Turibio cerrara os punhos, com força, com odio. Cravava as unhas nas mãos. Via-se-lhe nos olhos

uma terrível expressão de fereza. Esteve assim um bocado; voltava o rosto para um lado, para outro; não via bem, faltava-lhe o ar. Sentia um quer que era que lhe apertava a garganta. O homem recuára; parecia disposto a ir embora; estendeu-lhe a mão:

— Bem... Então até, hein?

Turibio serenava, pouco a pouco. Fez-lhe signal para que esperasse. O olhar d'elle voltava à primitiva expressão de doçura. Respirou muito, quanto pôde. A camisa afogava-o; elle rompeu-a, de um gesto rapido. E levava a mão ao peito, hauria o ar balsamico de em redor:

— Perdoe. A gente pôde lá ouvir tudo, assim, a sangue frio... E dizem que ha um Deus no céu!—soluçava, mal podia fallar— um Deus, dizem que ha um Deus!—levou a mão á cabeça em fogo,

fechava os olhos ; e, ao cabo de um momento—E... E a filha do outro ?

E frisava bem aquelle *do outro* :

— A filha *do outro* ? Era tão pequenina, tão loura !

— A filha ? Coitada ! Andou por ahi... Não vê que a mulher poz fogo à casa, sabe ?

— Andou por ahi, a filha ?

— A mulher poz fogo à casa. Dizia que no quarto onde o tinham morto, depois d'aquillo tudo, só o fogo é que ainda lá podia entrar. E então, levou a pequenina; deu-a n'uma casa, lá no alto... Depois, foi embora. Tem andado por ahi; está agora com um, está d'aqui a bocado com outro... E' uma desgraça; mas ha gente que é assim mesmo.

— A pequenina ficou, lá no alto ?

— E'... Mas davam-lhe muito, davam-lhe á tôa... Coitada ! A mãe ti-

nha-se ido embora, o pae estava preso. Era uma desgraça! Pobre de quem não tem nem uma pessoa por si... A mãe della, então, foi por ahi; estava com um, com outro...

— Elles davam-lhe muito ?

— Em quem ?

— Na pequenina.

— Davam-lhe tanto !

— Davam-lhe ! Mas a mãe della, por que é que lhe deixava dar ? Tão pequenina, tão loura !

— Pois a mãe já não estava mais lá, na casa. Poz-lhe fogo e foi embora. E então, a pequena ficou. Antes não ficasse ! Davam-lhe tanto...

— Davam-lhe muito... E agora ?

— Agora—e o homem apontava para o céu, alto. — Agora, está lá, está nos ouvindo...

Turibio agarrou-lhe na mão, puxou-o

a si. Cravava-lhe no rosto o olhar fixo, acerado, lucido :

— Está lá!—e mostrava o céu—Está lá?... Morreu ?

— Morreu.

— Morreu!

Lagrimas lhe brotavam dos olhos, rapidas, ardentes. Escaldavam-lhe o rosto, punham-lhe como que pequeninos diamantes disseminados pela barba hirsuta. Quedára-se em silencio. Por fim :

— Elles davam-lhe muito ?

— Se lhe davam! Até nem parecia gente christã...

Turibio murmurava—« Davam-lhe ! »
E, com os olhos vagos, absorto :

— E ella morreu ?

O homem affirmava que sim. E elle levantou os hombros, n'um scluço :

— Assim até foi melhor !

O outro fitava-o, commovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina ?

— Pois se ella era...—e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão á bocca, olhava em roda. E aos poucos :— Vim por aqui muito... Muitas vezes! Nestes braços andou ella. Era assim—e fazia-lhe o tamanho com a mão.—Tinha uns cabellos que só vistos, de lindos ! E davam-lhe ! Se eu estivesse là... Juro-lhe pela minh'alma ! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo !

Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lagrimas corriam-lhe grossas, rapidas, continuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão :

— Desculpe, hein ? Mas, eu vou indo...

— Eu vou tambem... O senhor disse que a Agua Nova é p'ra lá, não é ? — e mostrava-lhe o caminho, longe.— Eu

vou... A mãe della, então, ficou là na casa ?

— A mãe da pequenina ? — Turibio fazia-lhe que sim; o outro sorriu. — Foi embora... Pois ella deitou fogo à casa e foi embora.

— Deitou fogo á casa... Ardeu tudo ?

— Tudo.

— E foi embora ! Comtanto que a não tenha tragado o inferno... Vê o senhor ? Tanta miseria !... O céu cobre tudo, azul, azul... A casa era là p'ra cima, não era ? Uma, de taboas, com um mamoeiro á porta, uma hortasinha ao fundo ? Tinha-a feito elle mesmo... Elle, sim; elle ! Muita terra cavou p'ra a fazer...

— O marido era da lavoura ?

— O pae, o pae da pequenina ! Era da lavoura... D'uma outra lavoura; tambem se cava a terra, tambem se planta, mas não se colhe. Cavou muita terra, muita !

Ah ! assim a estivesse elle agora cavando para a que foi embora !

O homem achava que sim :

—E' mesmo, antes trabalhasse p'ra a filha. Quando se tem mulher assim...

Mas Turibio interrompeu-o :

—P'ra a filha, não !—E com a voz em lagrimas :—P'ra a filha, coitada ! nem foi elle que a cavou. Atiraram-n'a lá para o fundo, a tóa. P'ra a filha, não ; para a que foi embora ! Deitou fogo á casa e foi embora... Antes para ella ! Bem larga, bem funda ! Lá, bem embaixo...

E dentro em pouco :

—A casa era lá p'ra cima ?

—Inda lá está o terreno...E' perto. Eu é que já vou indo...

—Tambem eu vou.

E foram ambos. Turibio calára-se; por vezes, ouvia-se-lhe um soluço. O homem apertava o passo. N'uma curva, por

uma aberta de cêrca , mostrou-lhe o caminho adiante, o terreno da casa, o mamoeiro à porta, longe, mal distincto. O sol cahia agora do alto, por sobre a terra humida da geada ; aureo e tardio, retardatario sol benéfico de Junho...

Turibio reconhecia a estrada, alegravam-se-lhe os olhos. Já nem sentia o cansaço de ha pouco. E marchava calado, com pressa. N'um ponto, o homem agarrou-o, fel-o parar :

—Olhe, vê alli, agora...

Era o terreno proximo, o mamoeiro á entrada. Onde a casa estivera, por sobre a massa disforme do entulho, dam-ninhas plantas se enredavam, subiam, avassallavam tudo. E dentre ellas, apenas, a espaços, carbonisados caibros emergiam do matto crescido e ruim.

Pararam à porta. O homem voltou-se para Turibio :

—Não era aqui ?

—Era...—e elle fitava o terreno desolado e lugubre.—Era aqui! —e enchiam-se lhe os olhos d'agua.—Comtanto que a não tenha tragado o inferno ! Olhe, tem a sua vida segura, o senhor ? —o outro não respondia.—Tem-n'a segura ? Deixe-a andar... Segura para que ? Um dia desaba tudo. Està alli, queimado, podre... E o céo cobre tudo, azul, azul...

Passeava os olhos em redor. Subito :

—O cemiterio é p'ra là, não é ?

—E' lá adiante, no fim d'aquelle caminho; là por trás d'aquella mangueira grande...

—Lá adiante, por trás da mangueira ? Olhe— e acenava-lhe com a mão.—Deus que o acompanhe !

E deixou-o. «Deus que o acompanhe!» Foi embora. O homem ficara, pasmo; abanou a cabeça, sorrindo :

—Qual !

E seguiu. Turibio embrenhara-se pela estrada. Tinha as pernas tropegas, como as de um ébrio. Gelava-se-lhe a cabeça ; esvaiam-se-lhe as forças. E aos olhos d'elle, o campo em roda, as arvores, os morros, tudo se ia de ténebras cobrindo.

Deu ainda uns passos, mas dobraram-se-lhe os joelhos, fez-se-lhe um vacuo em torno. Cahiu para a frente, e ficou inerte, ao meio da estrada, ao sol.

Nevoas cahiam do alto, quando se lhe descerraram os olhos. Vinha a manhã nascendo, longe. O orvalho alagara-lhe a roupa. Tiritava de frio. Despiu o casaco humido; sacudiu-o com força, vestiu-o de novo. Tumultuavam-lhe idéas no cerebro. Sentou-se; fitava a estrada adiante. E a pouco e pouco, foi-se-lhe aquietando a cabeça. Lembrava-se de-

vagar:— «Poz fogo á casa.» Lembra-se.
«O cemiterio é p'ra lá...» Ergueu-se; sentia-se fraco, com fome; respirou, tirou o chapéo. E poz-se a caminho. « O cemiterio é p'ra lá...»

Avistou-o, adiante. Homens estavam á porta, casaco aos hombros, fumando; um dentre elles, ton ava-lhes os nomes :

—Gaspar ?

—Cà está.

—Domingos ?

—Prompto.

Entravam, um a um, tirando os casacos, dobrando-os ao meio. Turibio chegou-se, chapéo na mão :

—Com licença dos senhores... E' que .. Eu venho lá de cima... 'Stou desempregado. Então, vinha por aqui... Talvez queiram alguem para a enxada.

Um alto, espadaúdo, coçou a barba, e depois :

—Isso é lá com o Sr. Eduardo.

E deu com o queixo para o lado do que tomava os nomes. Turibio foi para elle, vagaroso, hesitante, timido :

—Com sua licença, hein... E' que eu stou desempregado. E'... Perdoe o senhor... E vinha para saber se não precisam cá ninguem...

O Sr. Eduardo tinha um cachimbo à bocca ; tirou-o, olhou do alto :

—Vôcê já trabalhou n'isto ?

— Tantos annos !... Ah ! a mim não me ganhavam ! — e procurava uma resposta — Mas o senhor sabe ; a gente guarda o seu dinheiro, depois é infeliz...

O Sr. Eduardo franzira a testa. Esteve a pensar, olhava-lhe p'ra a cara. E depois, para dentro :

—O' Mathurina ? !

«Mathurina!» Turibio sentiu que a alma

lhe saltava n'um impeto. E de dentro uma mulher veio, chegou á porta :

— Assim inda é peor... Agora é só ferver a agua.

— Quem é que falla aqui em ferver agua?—e ella calava-se, attenta.— Sabes tú quando vem o Corrêa ?

— O Corrêa?—a mulher sorriu—Vá esperando ! O vir, diz elle que vem para a semana; agora o poder vir é que são ellas.

Turibio cravava-lhe os olhos no rosto; olhar de odio, olhar impiedoso e máo. Traspassava-a, implacavel e frio. Por fim, baixou a cabeça. O Sr. Eduardo pensava, franzida a testa :

—Homem, você se quer, fique p'ra ahi, a ver. Mas olhe que assim inda se lhe não dá nada.

Turibio calara-se, o Sr. Eduardo convencencia-o :

—Porque ahí ha um de cama... Elle ha um de cama. E você fica co' o seu direito.

—Isso é...

—A comida fornece-se-lhe ahí; você paga-a. O outro pôde ser que não vá nem ao S. João. E você fica co' o seu direito. Lá o seu direito é que se lhe não tira...

E Turibio ficou. E n'uma frígida tarde ennevoada e tristonha, o Corrêa veiu, do alto, piedosamente trazido, a mão, para uma cova que elle mesmo se esforçara por abrir. Os outros acompanhavam-n' o, descobertos, silenciosos e graves. Fizeram-n' o descer para o fundo, hirto e magro. E a terra que lhe deitaram cahia aos poucos, n'uma poeira leve, para o não acordar.

—Porque este é cá dos nossos...—explicaram.

E um, para Turibio :

—Quem aproveita agora és tú... Fazete fino porque querel-o, ao logar, ha muito quem n'ó queira.

Deram-lh'ó. O Sr. Eduardo chamou-o, logo no outro dia, cedo. Bateu-lhe no hombro, com amisade :

—Agora, ficas de vez. Cà a palavra d'um homem, éalli; o que se diz é o que està ! E o teu direito, olha que ninguem t'ó tira.

Elle agradecia. Ficou de vez. Os outros estimavam-n'ó ; era generoso e humilde. E reservavam-lhe a tarefa peor. Faziam-n'ó acabar o serviço de um que tinha a mulher de cama, trocar de horas com outro a quem a humidade da manhã punha doente. Era o ultimo a largar a enxada. E vinha embora, cantando. A' noite, apenas, errava pelo quadro dos anjos, á procura. Escutavam -se-lhe soluços abafados.

Foi então, ao descambar de uma tarde sonóra e rútila — já as mangueiras se cobriam de flores e mysteriosos perfumes erravam no ar — o Sr. Eduardo parou, por entre tumulos, vendo-o a fechar uma cova, curvado e suando:

— O' Turibio?!—e Turibio levantou a cabeça — Olha qu'isso não vae a matar! Não vae a matar, que diabo! Assim, preparal-a p'ra ti...

E Turibio ergueu-se, apoiou a mão à enxada; olhava o sol morrendo, longe...

— E' Fica p'ra amanhã... Já o verão entra. O sol vem cedo.

Sacudia a terra presa á enxada; apanhou o casaco, perto, a uma borda de tumulo, atirou-o ás costas, poz a enxada ao hombro. E veiu, e dizia:

—Porque lá isso é... Não vae a matar. Mas sempre é bom andar p'ra diante. O

que fica feito, fica feito. Não se faz mais...

Ti nham-lhe dado um quarto de taboas-janella para o quadro dos adultos, em frente. Pedira-o, instára por elle. Os outros dormiam á entrada, paredes meias com o admin strador. Turibio, porém, lembrára as corôas abandonadas, fóra. « Assim até era melhor para a vigia. » E ficára lá. De onde estavam, já o quarto se avistava, ao fim da aléa. E elle repetia :

— O que fica feito, fica feito... E' tempo que se poupa. Não se faz mais.

—E'... Mas tú, matas-te. Um homem quer-se trabalhador, mas com saude- Porque depois, dá-lhe em casa o raio da doença; e é pagar-lhe p'r'alli, á tóa, e é vel-o a s'agoniar... Elle vae-se, e os outros é que ficam.

Turibio concordava :

—Tambem lá isso, é...

Vieram. Elle parou á porta :

—Vou aqui agora a ver...

—Pois então, é o que te digo; um homem quer-se com saude.

E o Sr. Eduardo seguiu. Turibio demorou-se um pouco, á porta. Enrolava um cigarro; puzera a enxada a um canto. Por fim, entrou. A noite cahia, tenue; e, no céo, ainda claro, a lua, em crescente, surdia, luminosa e doce.

Madrugada alta—inda a manhã não viéra—já elle estava vestido, á janella do quarto. Fumava, pondo largas baforadas para fóra, atravez da neblina e da noite. E subito, por entre arvores, longe, ao luar, um vulto de mulher passou, hesitante e esquivo.

Elle ficou, suspenso, no ar, como se alguma cousa o viesse elevando do chão. Os olhos prendiam-se-lhe áquella figura,

distante, negra. Perdeu-a n'um ponto, viu-a crescer do outro lado. E agora, brotava-lhe uma idéa no cérebro; expandia-se-lhe o rosto. « Vae ver a filha... » —fez, muito baixo. Accendiam-se-lhe os olhos. Tomou da enxada, sahiu.

O vulto ia, direito ao quadro dos anjos; passou por elle, n'uma curva larga. Turibio seguia-o, agarrado ás arvores, occulto por ellas. Viu-o parar, seguir depois, dar uma volta, entrar pelo outro quadro em frente. Um tumulto deteve-o; cahiu de joelhos. Resava o quer que fosse, entrecortado de soluços; debruçava-se sobre o marmore, regando-o de lagrimas. E á cabeceira, de um quadro, circulado de perpetuas, banhado da lua, o busto de um homem emergia, amarellecido e sereno.

Turibio parou; e, para logo, do intimo, velhos rancores, esquecidos odios

vieram-lhe atropelladamente para fóra, suffocando-o. Ella resava pelo outro, chorava pelo outro ! Ouviam-se-lhe soluços, angustiados, continuos, como se nelles a alma inteira, tambem angustiada, lhe fugisse. Turibio cravára os dentes nos labios, mordia-os a fazer sangue; apertava o cabo nodoso da enxada na mão convulsa. Tremia, tremia... Ia-se-lhe fazendo em torno uma atra noite de loucura e de morte.

Virou a enxada, com a lamina para dentro. Acertou-a bem, bem segura, bem certa; direita e forte. Curvou-se, chegou-se um pouco mais, com vagar, com cautela; tinha o braço p'ra trás, a enxada á mão. Esperou... Mathurina levara o lenço aos olhos, a cabeça alta. Elle marcou-a, ao meio, do lado. Tremia, tremia... Fez um esforço; crisparam-se-lhe os dedos. A enxada ergueu-se, brilhou, lucida, no ar.

Vibrára-lh'a, rapido, na cabeça. Houve um som cavo, um estertor, um concavo baque ouco e surdo. A massa informe do corpo cahiu, flaccida ; distendeu-se... Batia os pés, tremulos, nervosos, esticados; empinava o ventre, na ancia de se reerguer. E elle vibrou-lhe a enxada, de novo. Da brechia aberta, mal percebida, purpuro, o sangue em ondas vinha, corria, manchava o sólo; e—tal como se para o alto houvesse partido, n um rapido jacto rubro—altas, no céo, rubras, purpuras manchas sanguineas espalhavam-se pelo nascente.

Turibio olhava, absorto agora... O corpo aquietára-se ; agitava-se apenas a bruscos, tremulos espaços, no estertor ultimo. Teve um estremecimento mais forte, e ficou, parado, morto. O sangue corria por uma depressão do terreno ; era um tenue fio, quasi róscó, que se coagulava ao frio gélido da manhã.

Elle moveu-se, como quem desperta ; atirou a enxada fóra. Voltava a si. Recordava-se de um dia, ha muito. Ferira fundo, muitas vezes, muitas vezes, com delirio, com raiva. Levaram-n'ó. Annos decorreram ; tudo se foi apagando aos poucos, odios, memoria, tempo, tudo. E recordava-se; olhava em roda, pelos alvos tumulos, pelos avidos sepulchros abertos. Suava frio. Tirou o chapéo, atirou-o para longe. O olhar deteve-se na cova ainda mal cheia, da véspera, voltou ao corpo immovel, fitou-o, volveu a ella. Esteve assim um instante, de um lado para outro. Acalmava-se mais. E tomou da enxada, foi para a cova, enterrou-a lá, com força, tirou-a depois, bem cheia, sacudiu-a para o lado. Enterrou-a ainda, tirou-a, para a enterrar de novo. E a terra ficou, espalhada pelo sólo, por sobre plantas, aos montões.

Cavava com esforço, rapido. Já de uma derradeira camada, ultima e leve, irrompia a tampa negra e lugubre de um caixão. Elle deixou a enxada, Tomou de Mathurina pelos pés, inteiriçados, ainda quentes; arrastou-a para perto; e os cabellos della, de rastros, luzidios e longos, toucavam-se de folhas seccas, empoavam-se de lucidos granulos de areia, vinham marcando a sua passagem pelo chão.

Deixou-a posta á beira desse que lhe seria o pouso ultimo; agarrou-a então pela cabeça, pol-a ao comprido da abertura. E atirou-a para dentro, para baixo, para bem fundo. Por onde viéra, o corpo deixára um rastro de sangue. Elle apagou-o, com a enxada; desfez os largos coagulos sanguineos; levou-os, empastados, para a cova aberta. Procedia com arte, com vagar, com cuidado—tal como

quem n'uma obra definitiva e completa se absorve. Passava e repassava a enxada pelo terreno; deu-lhe a apparencia de um pedaço de jardim, tratado e limpo.

Voltou para a cova. O corpo ficára meio dobrado, ao fundo; elle ageitou-o, ao comprido. E começou de cobri-lo com a terra amontoada, às porções, grossas, rapidas, brutas. O corpo desapareceu em baixo. Por sobre elle ia a espessa camada de terra subindo, crescendo, pesada do eterno peso do olvido e do esquecimento eterno. Turibio saltou para a cova, ainda mal cheia. Puxava a terra para si, quasi a cobrir-lhe os pés. Por momentos parava, pisava-a com força, atirava-a com o pé para as extremidades. E continuava depois. Passou os dedos pela testa, para limpar o suor; estava calmo, respirava com força, muito, em roda— como um enterrado vivo a quem se houvesse arran-

cado a algida lage cerrada e fria do tumulto. Respirava... Mas ouviu passos. O Sr. Eduardo vinha, apressado, sem chapéo; gritou-lhe de longe:

— Que é da Mathurina?

Turibio alçou a cabeça, ficou olhando; hesitava, parecia querer occultar alguma cousa. E, apoiado á enxada:

— A... Eu...

— Tu viste-a... — e o Sr. Eduardo agarrou-o pelo hombro.— Falla ou ponho-te na rua!

Turibio levàra a mão á cabeça:— Homem...— e alisava o cabello, por trás da orelha— Ha bocado, inda o dia lá vinha na casa de Christo, vi-a passar por alli...

Apontava a aléa, perto. O Sr. Eduardo sacudiu-o:

—E depois?

—Depois, foi là para os lados da porta...

Havia lá um senhor alto, um que já hontem andou por ahi. Estiveram a conversar juntos, e foram-se. Foram embora. Ella levava uma trouxa.

O Sr. Eduardo fel-o voltar-se, com um repellão. Agarrou-o pela gola :

— Levava uma trouxa? E o chale, ia de chale?

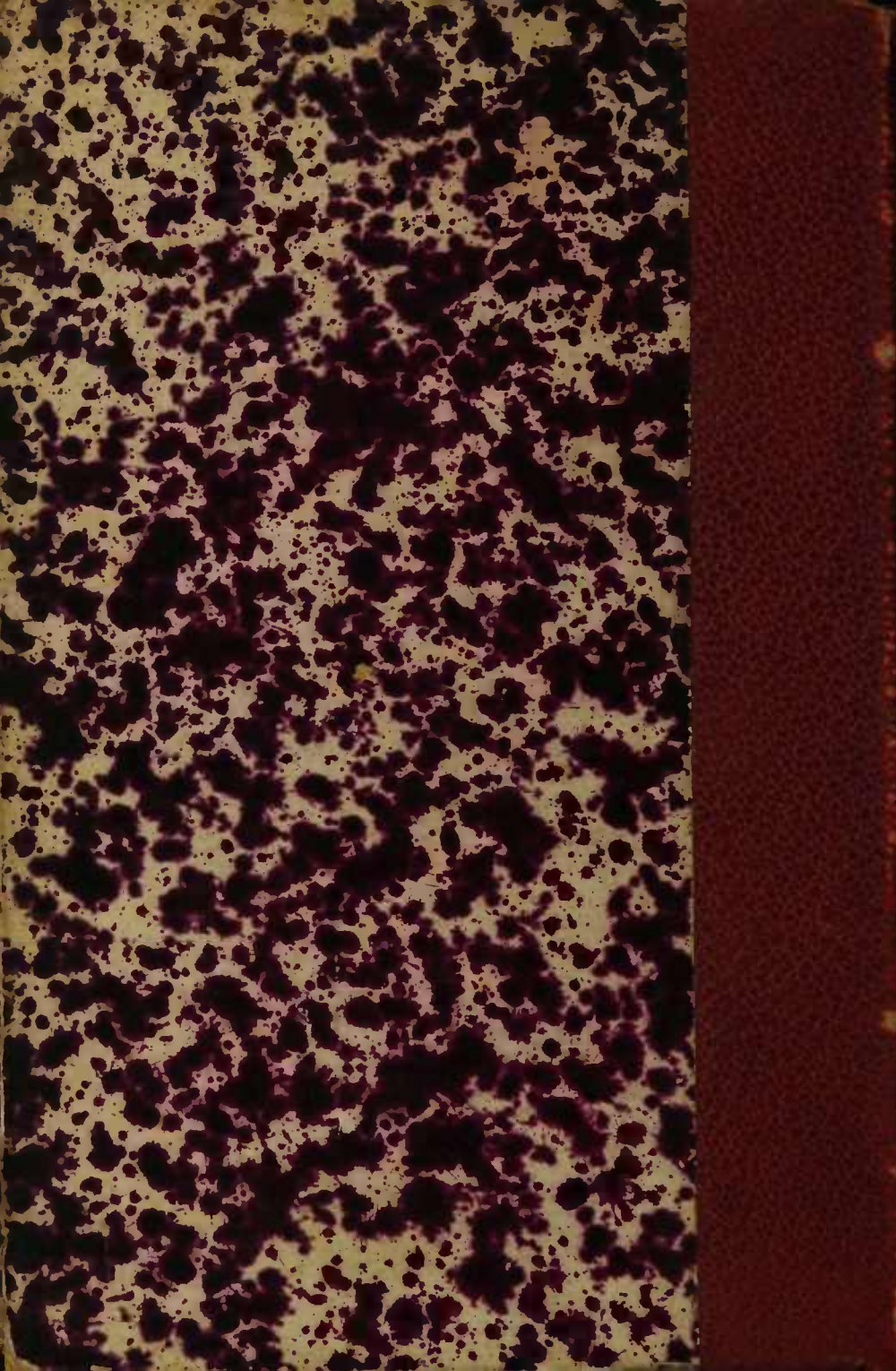
— Levava um chale preto.

Fôra-se, pregára-lh'a na bochecha! Turibio calára-se...O Sr. Eduardo repelliou-o, com força. Fel-o cambalear. E expectorou :

— O raio da burra !

INDICE

ABERTURA	V
Cão.....	17
Mana Minduca.....	35
A barricada.....	49
Caso de adulterio.....	71
Curiosa	87
O Jerónimo.....	117
Genial actor !.....	133
Obra completa!.....	149



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).